

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

DANIELE HACKENHAAR

**VIDA E TRAJETÓRIA DO POVO POMERANO:  
A IMIGRAÇÃO POMERANA PARA O BRASIL**

Florianópolis

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

DANIELE HACKENHAAR

**VIDA E TRAJETÓRIA DO POVO POMERANO:  
A IMIGRAÇÃO POMERANA PARA O BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de bacharel e licenciatura em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do professor Dr. Manoel Pereira R. T. dos Santos.

Florianópolis

2018



Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Curso de Graduação em História

### ATA DE DEFESA DE TCC

Aos vinte e seis dias do mês de junho do ano de dois mil e dezoito, às 08 horas e 00 minutos, na Sala 324 - CFH, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof. Dr: Manoel Pereira R. T. dos Santos (Orientador(a) e Presidente); Prof. Dr: Marcio Roberto Voigt (Titular); Fabiana Carla Guarez (Suplente), designados pela Portaria Tcc nº 29/HST/CFH/2018, a fim de arguirm sobre o Trabalho de Conclusão de Curso da Acadêmica Daniele Hackenhaar, intitulado: **“VIDA E TRAJETÓRIA DO POVO POMERANO: A IMIGRAÇÃO POMERANA PARA O BRASIL”**. Aberta a Sessão pelo(a) Senhor(a) Presidente, a Acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas, Prof. Dr: Manoel Pereira R. T. dos Santos, nota 8,5, Prof. Dr: Marcio Roberto Voigt, nota 8,5, Fabiana Carla Guarez, nota 8,5, sendo a acadêmica aprovada com a nota final 8,5. A acadêmica deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 04 de julho de 2018. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 26 de junho de 2018

Prof. Dr: Manoel Pereira R. T. dos Santos (Orientador(a))

Prof. Dr: Marcio Roberto Voigt (Titular)

Fabiana Carla Guarez (Suplente)

Daniele Hackenhaar (Acadêmica)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto \_\_\_\_\_ que \_\_\_\_\_ o  
acadêmico(a) Daniela Hackenboer \_\_\_\_\_, matrícula  
n.º 13101864 \_\_\_\_\_, entregou a versão final de seu TCC cujo título é  
Vida e trajetória do povo pomerano: a imigração pomerana para o Brasil  
com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 04 de Julho \_\_\_\_\_ de 2018.

Orientador(a)

Este trabalho é dedicado à:

Meus pais em primeiro lugar, por terem me possibilitado cursar História na Universidade Federal de Santa Catarina e terem ofertado todo seu apoio e amor para que eu pudesse chegar até aqui;

Minhas duas irmãs, em especial Daiane, que sempre dispôs de momentos de descontração no final do dia;

Meus amigos que se mantiveram ao meu lado desde o início;

João Klug, que embora não possa assinar a orientação deste trabalho, esteve ao meu lado me orientando e aconselhando desde o momento em que nasceu a ideia deste trabalho;

Manoel Pereira R. T. dos Santos, que assumiu de bom grado a orientação final deste trabalho;

Cristiane Ker, por mostrar-me caminhos para manter a calma e a serenidade mesmo nos momentos mais difíceis;

## **RESUMO**

O presente trabalho aborda as razões e condições pelas quais se deu a imigração pomerana para o Brasil no século XIX. Com o objetivo de não generalizar o processo migratório deste povo dentro do grande rol da imigração alemã para o Brasil, procura-se estudar e reconstituir, mesmo que brevemente, a história dos pomeranos, desde sua formação até o momento em que se inicia a onda emigratória para outros Estados. Para compreender as razões que levaram pomeranos a deixar sua terra natal e optar por reconstruir suas vidas no Brasil, estuda-se as conjunturas sociais e econômicas vigentes tanto na Pomerânia quanto no Brasil no período tratado. Percebe-se que este processo é marcado por grandes dificuldades para o emigrante desde o momento em que decide deixar sua terra natal. Entre as dificuldades a serem vencidas no Brasil está o isolamento geográfico, que acaba por tornar-se principal responsável pela manutenção do dialeto pomerano e a rica cultura pomerana.

Palavras-chave: migração; pomeranos; cultura.

## **ABSTRACT**

This paper deals with the reasons and conditions for the Pomeranian immigration to Brazil in the 19th century. With the aim of not generalizing the migratory process of this people within the great role of German immigration to Brazil, we seek to study and reconstitute, even briefly, the history of the Pomeranians, from their formation until the moment when the emigratory wave begins to other States. In order to understand the reasons that led Pomeranians to leave their native land and choose to rebuild their lives in Brazil, we study the social and economic conjunctures in both Pomerania and Brazil in the period under consideration. It is noticed that this process is marked by great difficulties for the emigrant from the moment in which it decides to leave its native land. Among the difficulties to overcome in Brazil is the geographical isolation, which ends up becoming main responsible for the maintenance of the Pomeranian dialect and the rich Pomeranian culture.

Keywords: migration; Pomeranians; culture.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Pomerânia 1635.....	13
<b>Figura 2</b> - Figura 2: Província Pomerana da Prússia inserida no Reino da Prússia.....	17
<b>Figura 3</b> - Alemanha depois de Versalhes .....	18
<b>Figura 4</b> - Localização Geográfica da Pomerânia após a Segunda Guerra.....	20
<b>Figura 5</b> - Informações sobre a imigração da Pomerânia exibida no <i>Pommersches Landesmuseum</i> .....	21

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. ENTENDENDO A POMERÂNIA.....</b>	<b>12</b>
1.1 POMERÂNIA: HISTÓRIA E CONFLITOS TERRITORIAIS.....	12
<b>2. POR TRAZ DOS FATORES QUE EXPULSAM E FATORES QUE ATRAEM .....</b>	<b>22</b>
2.1 ESTRUTURA SOCIAL E O COTIDIANO NA POMERÂNIA .....	22
2.1.2 AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E OS “FATORES DE EXPULSÃO” .....	26
2.2 MOTIVOS DE ATRAÇÃO .....	34
<b>3.0 O IMAGINÁRIO, AS EXPECTATIVAS, A TRAVESSIA E O ENCONTRO COM A NOVA TERRA .....</b>	<b>44</b>
3.1 A TRAVESSIA .....	45
3.2 PRINCIPAIS NÚCLEOS DE IMIGRANTES POMERANOS NO BRASIL .....	51
3.3 CULTURA POMERANA E TRADIÇÕES QUE SE MANTIVERAM ATRAVÉS DOS SÉCULOS .....	55
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>65</b>

## INTRODUÇÃO

No processo de estudar e pesquisar a imigração alemã para o Brasil, muitas vezes nos deparamos com estudos que tratam os diferentes grupos de alemães de forma muito generalizada, sem distinguir Estado ou região da qual estes grupos pertenciam antes do processo de Unificação dos Estados Alemães, ocorrido no ano de 1871. Entende-se que muitas razões que levaram estes grupos a decidir por emigrar são bastante semelhantes, como as condições econômicas e sociais, por exemplo. Compreende-se também a importância de conhecer primeiramente o aspecto macro da imigração alemã para o Brasil no século XIX, para em seguida aprofundar-se num aspecto micro, caracterizado por cada grupo distinto. Negligenciar o aspecto micro é negligenciar a existência de diferenças sociais, econômicas, linguísticas, e principalmente, culturais, que diferenciam um grupo do outro, que diferencia o povo pomerano dos demais.

A Pomerânia constitui-se como um ducado independente, que de 1186 até 1806, esteve principalmente sob domínio do Sacro Império Romano Germânico<sup>1</sup>. Em 1815, através do Congresso de Viena, a Pomerânia deixa de ser um ducado e passa a fazer parte do Reino da Prússia, como Província Pomarana da Prússia. Com a Unificação dos Estados Alemães, a Província Pomerana da Prússia, assim como o Reino da Prússia e os demais 39 Estados Independentes<sup>2</sup>, passam a fazer parte do Império Alemão.

“*A Aculturação dos Alemães no Brasil*”, de Emílio Willems, “*Igreja e Germanidade: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*”, de Martin Dreher, “*São Pedro de Alcântara 1829-1999: aspectos de sua história*”, “*Pouso dos imigrantes*”, e “*A formação da colônia alemã Teresópolis e a atuação da Igreja Católica (1860 – 1910)*”, de Toni Vidal Jochem, são algumas das obras utilizadas neste trabalho para pesquisar as condições gerais da imigração alemã para o Brasil. Já partindo para a questão mais específica da Pomerânia, as principais obras escolhidas foram as teses de Joana D. V. Bahia, “*O Tiro da Bruxa: Identidade, Magia e Religião Entre Camponeses Pomeranos do Estado do Espírito Santo*” e “*A construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul (Década de 1980 até os dias atuais)*”, de Paulo Maltzhan, o livro

---

<sup>1</sup> Foi um complexo de territórios multiétnicos formado na Alta Idade Média e dissolvido no ano de 1806 através das ações de Napoleão Bonaparte

<sup>2</sup> Unidos desde 1915 pela Confederação Germânica.

*“Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul: Colonos Alemães no Brasil”*, do pomerano Klaus Granzow, *“Descobrendo raízes: aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia”* e *“Raízes da imigração alemã: História e cultura alemã no estado do Espírito Santo”* do pastor capixaba Helmar Rölke. As duas últimas obras representam, neste trabalho, a aproximação mais profunda com as raízes da história e da cultura do povo pomerano, sendo de grande importância para a elaboração desta pesquisa que procura resgatar, mesmo que brevemente, a rica história deste povo. Além destas obras, contribuíram para a elaboração desta pesquisa, o fato de a autora ter vivido durante um ano “em terras pomeranas”, na cidade de Greifswald, que no passado fizera parte da Pomerânia e que atualmente se localiza no norte da Alemanha.

O tema do presente trabalho gira em torno da questão da imigração pomerana para o Brasil no século XIX, estabelecendo semelhanças e diferenças dos pomeranos em relação aos demais grupos de imigrantes alemães. Para tal, optou-se por primeiramente situar este povo historicamente e geograficamente. A emigração dos pomeranos para o Brasil acontece quando a Pomerânia já está sob domínio do Império Prussiano e passa pela transição do sistema feudal tardio<sup>3</sup> para o capitalismo no início do século XIX. Observa-se que neste momento, a conjuntura política, social e econômica na Pomerânia e nos demais Estados Alemães, causa o que aqui se optou denominar “forças de expulsão” da população que emigra para outros países, entre eles o Brasil, que exercem neste mesmo tempo “forças de atração” através das vantagens oferecidas a estes grupos.

Neste processo, podemos estabelecer uma série de semelhanças por traz das razões que levaram estes grupos de imigrantes alemães a deixarem sua Pátria e optar pelo Brasil. Estas semelhanças, juntamente com a questão linguística, acabaram tornando-se decisivas no momento de registrar os imigrantes que chegavam ao país. Era comum registrá-los todos como “alemães”, pelo simples fato destes se expressarem na língua alemã, ignorando o Estado e região de origem de cada um. Com isto, ignora-se também as diferenças entre os grupos, principalmente as diferenças culturais, que no caso dos pomeranos simboliza um de seus aspectos mais importantes e marcantes, como se pode perceber neste trabalho.

Este trabalho segue a linha da História Social, pois tem como objetivo narrar a história do povo pomerano no contexto da imigração para o Brasil, com foco nas camadas mais simples de sua sociedade. Dentre os campos da pesquisa histórica, talvez o campo da História Social seja o que traz mais possibilidades para ser trabalhado e o que mais abrange

---

<sup>3</sup> Apesar de o sistema feudal remeter-se ao período medieval, seus elementos continuam presentes na Pomerânia até o ano de 1807, quando é oficialmente extinto.

interdisciplinaridade com outros campos da História<sup>4</sup>. De acordo com Hobsbawm, esta é uma história feita de baixo para cima, uma história dos movimentos populares, da gente comum, e não mais somente uma história dos monarcas com suas enormes biografias que inflavam seu próprio ego e alcançavam apenas os seus iguais<sup>5</sup>.

Através da coleta de dados no *Pommersches Landesmuseum*<sup>6</sup> na cidade de Greifswald<sup>7</sup> e na Ernst-Moritz-Arnd Universität Greifswald, a respeito de dados e fontes sobre a imigração pomerana, e o estudo documental de relatos, leis e rescritos, foi possível traçar a trajetória do povo pomerano desde seu cotidiano, passando pela onda emigratória e os impactos causados no governo prussiano que chega a impor restrições à emigração para o Brasil através do Rescrito Von der Heydt, até a mobilização do governo brasileiro, que cria várias medidas que favorecem a entrada de imigrantes no país. Através de relatos de imigrantes, podemos compreender também em quais condições se dava a travessia e o estabelecimento dos grupos nos locais aos quais foram destinados e a dificuldade dos anos iniciais.

Para a execução desta pesquisa, foi necessária também a superação de algumas barreiras iniciais, como por exemplo, a falta de documentação e bibliografia específica sobre a história da Pomerânia e a história de sua cultura. Outra dificuldade encontrada foi a falta de conhecimento geral sobre os pomeranos e de como muitas vezes sua história é simplesmente negligenciada ao ser encaixada dentro do contexto geral da imigração alemã. Superado este problema, foi possível mergulhar fundo no tema e descobrir a riqueza cultural deste povo. A cada nova informação a respeito das raízes de suas tradições, crenças e costumes, era possível entender a força que estas exerciam sob a sociedade pomerana, a ponto de ser o grande fator de diferenciação dos pomeranos para com os outros grupos de imigrantes alemães.

Da antiga Pomerânia, que não mais existe como unidade geográfica na Europa, para uma diáspora intercontinental, ao longo dos séculos os descendentes de pomeranos mantêm vivos os traços de sua identidade através da memória e reprodução social destes hábitos e crenças em terras brasileiras.

---

<sup>4</sup> BARROS, José D'Assunção. A História Social: seus significados e seus caminhos. LPH - Revista de História da UFOP, 2005. pp. 17-22.

<sup>5</sup> HOBBSAWM, Eric. "A História de baixo para cima" (In: Sobre História). 1998. pp. 216-223.

<sup>6</sup> Museu Pomerano, localizado em Greifswald.

<sup>7</sup> Já foi território pertencente à Pomerânia.

## ENTENDENDO A POMERÂNIA

### 1.1 Pomerânia: História e Conflitos Territoriais

Os pomeranos habitavam uma região localizada ao norte da Europa, ao longo do mar Báltico, entre os rios Oder e Vístula. Esta região por muito tempo já havia sido habitada pelos povos germânicos, que com as frequentes migrações da época, se deslocaram mais para o sul em direção ao Mar Mediterrâneo. Com o norte praticamente desabitado, a região foi facilmente invadida por povos eslavos, dentre estes, os *Wendes*<sup>8</sup>, que se fixaram no litoral do mar Báltico e denominaram essa região de *Po Morge*<sup>9</sup>, que significa “terra perto do mar”, e que mais tarde passou a ser denominada Pommern (em português, Pomerânia). Os eslavos, vindos do norte (oriental), tomaram posse dessa região na segunda metade do século VII, onde se fixaram e passaram a formar povoados e a dedicar-se à agricultura e à pesca<sup>10</sup>.

Assim como outros povos eslavos, os pomeranos eram considerados um povo bárbaro pagão. Sua crença era em deuses que se manifestavam na natureza (animismo). Além dos deuses maiores, havia também os deuses menores que eram adorados através de animais, árvores, matas, riachos e lagoas que existiam na Pomerânia<sup>11</sup>.

Por esta ser uma região de planícies compostas por solos férteis altamente produtivos, muita água, e possuir uma localização privilegiada com saída para o mar Báltico que promove conexões com grandes portos e mercados importantes, ela foi alvo constante de desejo de dominação por outros povos. Dentre eles, os vikings/noruegueses, os dinamarqueses e os poloneses, que dominaram parte do território pomerano três vezes<sup>12</sup>.

Para melhor localizar esta região na qual os pomeranos se fixaram e posteriormente formaram seus distritos, podemos observar a figura abaixo que se trata de um dos primeiros mapas da Pomerânia, feito no ano de 1635 por Willem e Joan Blaeu, onde está destacado por uma linha vermelha o Rio Oder, e a capital Stettin<sup>13</sup>:

---

<sup>8</sup> Habitantes da grande pastagem (HAMMES, 2010, p. 179).

<sup>9</sup> Terra perto do mar.

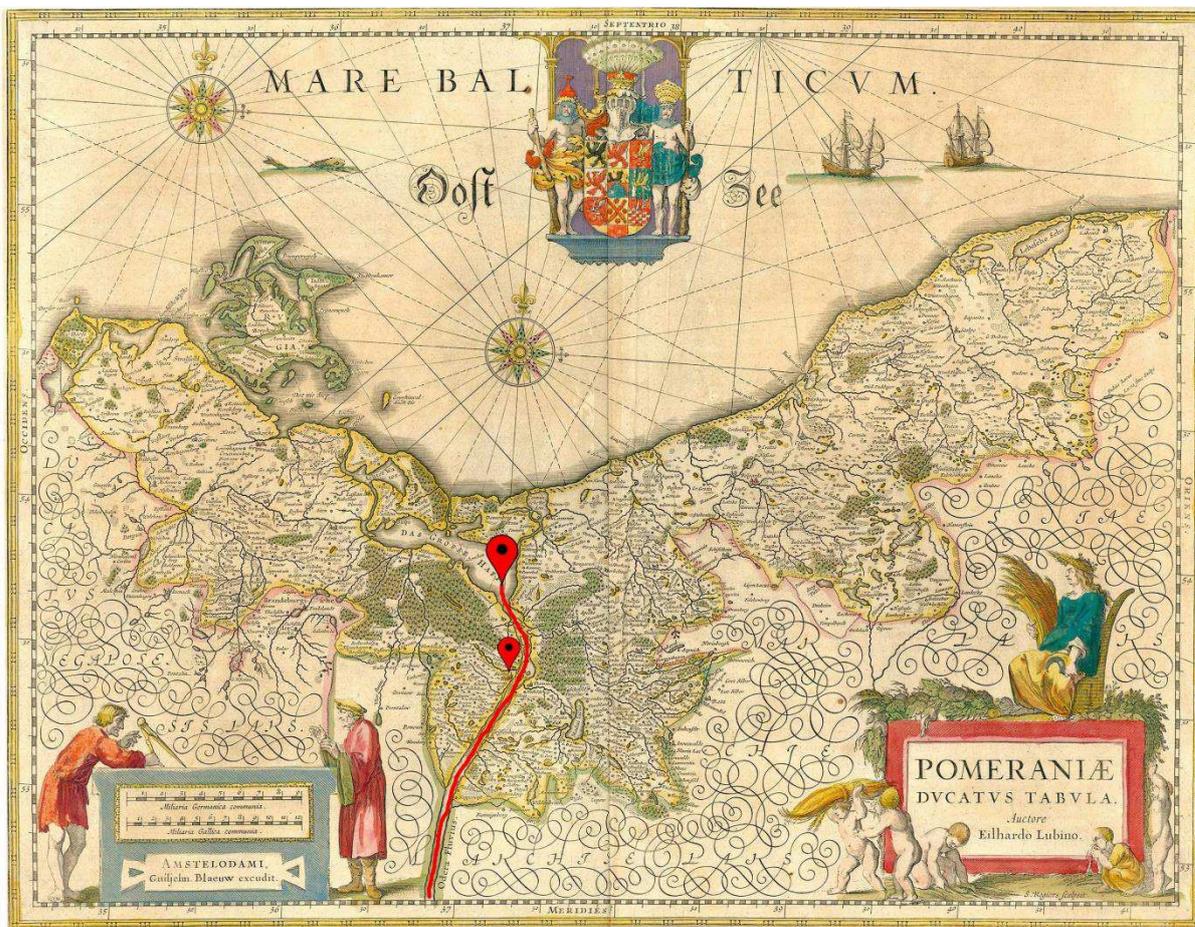
<sup>10</sup> MALTZAHN, Paulo César. A construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul (Década de 1980 até os dias atuais). Florianópolis: UFSC, 2011. pp, 83-84.

<sup>11</sup> RÖLKE, Helmar Reinhard. Descobrendo raízes: aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia. Vitória: Ed. da UFES, 1996. p. 11

<sup>12</sup> Ibidem, pp. 10-11.

<sup>13</sup> Mapa disponível em: <<http://www.der-familienstammbaum.de/pommern/pommern-karten>> Acesso em: maio de 2018. Alterações feitas pela autora. (o Rio Vístula encontra-se um pouco afora da margem direita da figura)

Figura 1: Pomerânia 1635



Fonte: Willem & Joan Blaeu, Atlas Blaeu (later Atlas Maior), 1662

Pode-se estabelecer uma divisão entre Pomerânia Ocidental e Pomerânia Oriental<sup>14</sup>, sendo que tudo que fica a leste da capital pomerana Stettin (atual Szczecin, na Polônia), é conhecido como Pomerânia Oriental, e a oeste, Pomerânia Ocidental. As terras da parte ocidental eram as mais férteis e ricas da Pomerânia e sempre foram intensamente cultivadas, devido ao mercado próximo que era a cidade de Hamburgo. As terras do lado oriental eram de solo mais arenoso e, além disso, o rigoroso inverno nas partes mais altas prejudicava a agricultura, que não passava de cinco meses de atividades agrícolas por ano. Tendo apenas cinco meses a disposição para plantar as culturas importantes, a vida dos lavradores na Pomerânia Oriental era de enormes dificuldades<sup>15</sup>.

Nos séculos X e XI, acontece na Pomerânia uma guerra entre poloneses e dinamarqueses, que apesar de destruir uma parte do território pomerano, este não passa

<sup>14</sup> Conforme mostra figura 3.

<sup>15</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. pp. 2-5.

completamente para as mãos de nenhum dos dois países, mas acaba perdendo algumas possessões para a Polônia, entre elas a capital Stettin (Szczecin), que era também o maior porto no Mar Báltico<sup>16</sup>.

Percebendo que dominar os pomeranos não seria tão fácil, a Polônia empreendeu uma tentativa de cristianizá-los para então dominá-los. Assim, provavelmente por receio de novos ataques poloneses, o duque pomerano Wartislaw recebe em seu território, no ano de 1124 através da iniciativa polonesa, o bispo da Baviera Otto de Bamberg e sua comitiva para converter os pomeranos ao cristianismo. Durante sua passagem, foram construídas onze igrejas e batizados 22.165 pomeranos que aceitaram pacificamente a conversão, porém, assim que o bispo deixa o solo pomerano, estes retornam à sua crença anterior<sup>17</sup>.

Quatro anos depois, preocupados com a ameaça de uma nova invasão militar por parte dos poloneses, o duque Wartislaw pede ajuda ao bispo Otto de Bamberg, que em 1128, desta vez apoiado economicamente e militarmente pelo rei Lotário da Saxônia, retornou à Pomerânia numa segunda tentativa de cristianizar este povo. Sob estas condições, os poloneses desistiram por ora de invadir a Pomerânia. É notório que por trás do apoio do bispo de Bamberg recebido pelo rei alemão, estava a intenção de abrir as fronteiras pomeranas para o comércio e a cultura alemã, ao contrário da primeira viagem, cujo objetivo era cristianizar os pomeranos para torna-los mais “dóceis” para os poloneses. E assim, o que os poloneses não conseguiram na primeira tentativa, os alemães conseguiram na segunda, e aos poucos os pomeranos (primeiro os nobres e depois todas as tribos pomeranas), “renderam-se” aos germanos. Os que resistiam às influências vindas dos alemães, aos poucos foram marginalizados<sup>18</sup>.

Esse processo de cristianização e germanização da Pomerânia estendeu-se de 1128, até 1400, com o surgimento de várias cidades. E com o objetivo de guarnecer essa região contra ataques poloneses, a própria nobreza pomerana se empenha em atrair para esta região artesões, colonos e comerciantes alemães<sup>19</sup>. Em 1400 a cultura alemã já estava quase que totalmente assimilada pelos pomeranos, que agora dividiam espaço com inúmeros colonos alemães que emigraram para lá (os colonos alemães tornaram-se o dobro dos nativos

---

<sup>16</sup> Ibidem, p. 12

<sup>17</sup> Ibidem, MALTZAHN, 2011. p. 84.

<sup>18</sup> DAMITZ, Eng. Hans. O grupo étnico alemão dos pomeranos. Porto Alegre, 1997. (s.p.)

<sup>19</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. p. 14.

pomeranos). Neste processo, perdeu-se a língua eslava materna e adotou-se a língua pomerana, derivada do baixo alemão<sup>20</sup>.

Apesar desta aliança dos povos germânicos com a Pomerânia, este território continuou sendo de grande interesse de dominação para outros povos, que constantemente passava por invasões e disputas de território.

Outro episódio que marcou negativamente e dizimou um grande número de pessoas não só na Pomerânia, mas em toda a Europa por volta de 1350, foi a Peste Bubônica, também chamada de Peste Negra pelas pessoas devido à aparência das feridas que surgiam no corpo. Acredita-se que a doença tenha chegado à Europa através dos ratos que vinham nos porões de navios de comércio que chegavam da Ásia, e que na Europa tenha encontrado as condições favoráveis de se reproduzir devido à falta de higiene das cidades e campos, onde esgoto e lixo ficavam a céu aberto sem nenhuma preocupação. Estes ratos estavam contaminados com a bactéria *Pasteurella Pestis*, que contaminava com a doença também as pulgas que se alimentavam do sangue dos roedores e, que quando morriam devido à doença, podiam transferir-se para o corpo das pessoas para continuar alimentando-se de sangue. A picada das pulgas acabava contaminando as pessoas com a bactéria da doença, que causava enormes feridas de sangue e pus principalmente na área das axilas e virilha, febre alta, enjoos e vômitos, levando a pessoa a óbito dentro de poucos dias, pois não havia cura para a doença e a medicina da época era pouco avançada.

A Pomerânia, profundamente afetada pelas consequências da Peste e pelos constantes ataques em seu território que vinha sendo governado por uma nobreza enfraquecida e dividida, perdia cada vez mais influência junto de seu povo. Além disso, a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos<sup>21</sup> começava a penetrar a Pomerânia a partir de suas possessões nas regiões de Lauenburg e Bütow, mais ao leste, e o Principado de Brandemburgo penetrava o território mais pelo sul. Neste contexto, em 1529, é assinado um tratado com a nobreza brandemburguesa que assegurava autonomia aos pomeranos, que em contrapartida, deveriam passar seu território à Brandemburgo após a morte do último duque pomerano<sup>22</sup>.

A Pomerânia havia se tornado protestante de confissão luterana através das ações de Johannes Buggenhagen (1481-1558), teólogo humanista apelidado de “Doctor Pomeranus”,

---

<sup>20</sup> Ibidem, DAMITZ, 1997. (s.p.)

<sup>21</sup> A Ordem dos Cavaleiros Teutônicos é um exército e uma ordem religiosa alemã fundada em 1190 por comerciantes alemães e reconhecida pelo Papa em 1199.

<sup>22</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. p. 15.

que foi um colaborador do reformador Martin Luther e que traduziu seus escritos para a língua pomerana. Através de suas ações, a Pomerânia se torna toda evangélico/luterana<sup>23</sup>. Durante a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) que aconteceu por motivos políticos e religiosos, o imperador alemão ocupa a Pomerânia no ano de 1627 com tropas católicas, com a intenção de impedir que a Suécia, que é luterana, fosse ao auxílio de seus irmãos de fé luterana no sul. As tropas imperiais confiscam todos seus alimentos e animais para seu sustento, deixando a Pomerânia num estado cada vez mais crítico. No ano de 1630, a Suécia consegue ocupar o território pomerano e o que pareceu um alívio em primeiro momento pelo fato dos suecos compartilharem da mesma religião, acabou tornando-se um pesadelo, pois assim como as tropas alemãs, os suecos também exigiram seu sustento dos pomeranos. A luta das tropas alemães na tentativa de reconquistar o território acaba por levar a Pomerânia à destruição total, sendo que dois terços de sua população desapareceram durante a guerra<sup>24</sup>.

Além disso, no ano de 1637, morre o duque Bogislaw XIV, o último descendente da dinastia dos Greifen. E segundo o tratado de 1529, a Pomerânia deveria passar para as mãos de Brandenburgo, o que não acontece naquele momento, pois os suecos ainda mantinham suas tropas no local. Em 1648, os suecos cederam a Pomerânia Oriental à Brandenburgo e mantiveram a Pomerânia Ocidental sob seu domínio. Através da ação do principado Brandenburgo-Prússia, esta região, com exceção de umas possessões ao norte do rio Peene, só passaria para o domínio da Prússia no ano de 1720, fazendo-se finalmente valer o Tratado de 1529<sup>25</sup>.

No ano de 1806, o exército de Napoleão passa pela Pomerânia em direção à Rússia, causando novos estragos em território pomerano. Após a queda de Napoleão, em 1815, acontece o *Congresso de Viena*, onde os representantes mais poderosos da Europa se encontram e decidem a remodelação do mapa europeu. Nesta ocasião, é decidido que a Suécia teria que deixar suas últimas possessões na Pomerânia Ocidental. Surge assim, em 1817, a *Província Pomerana da Prússia*<sup>26</sup>.

---

<sup>23</sup> Ver mais em: “O grupo étnico alemão dos Pomeranos”, Eng. Hans Damitz, 1997, pg 2.

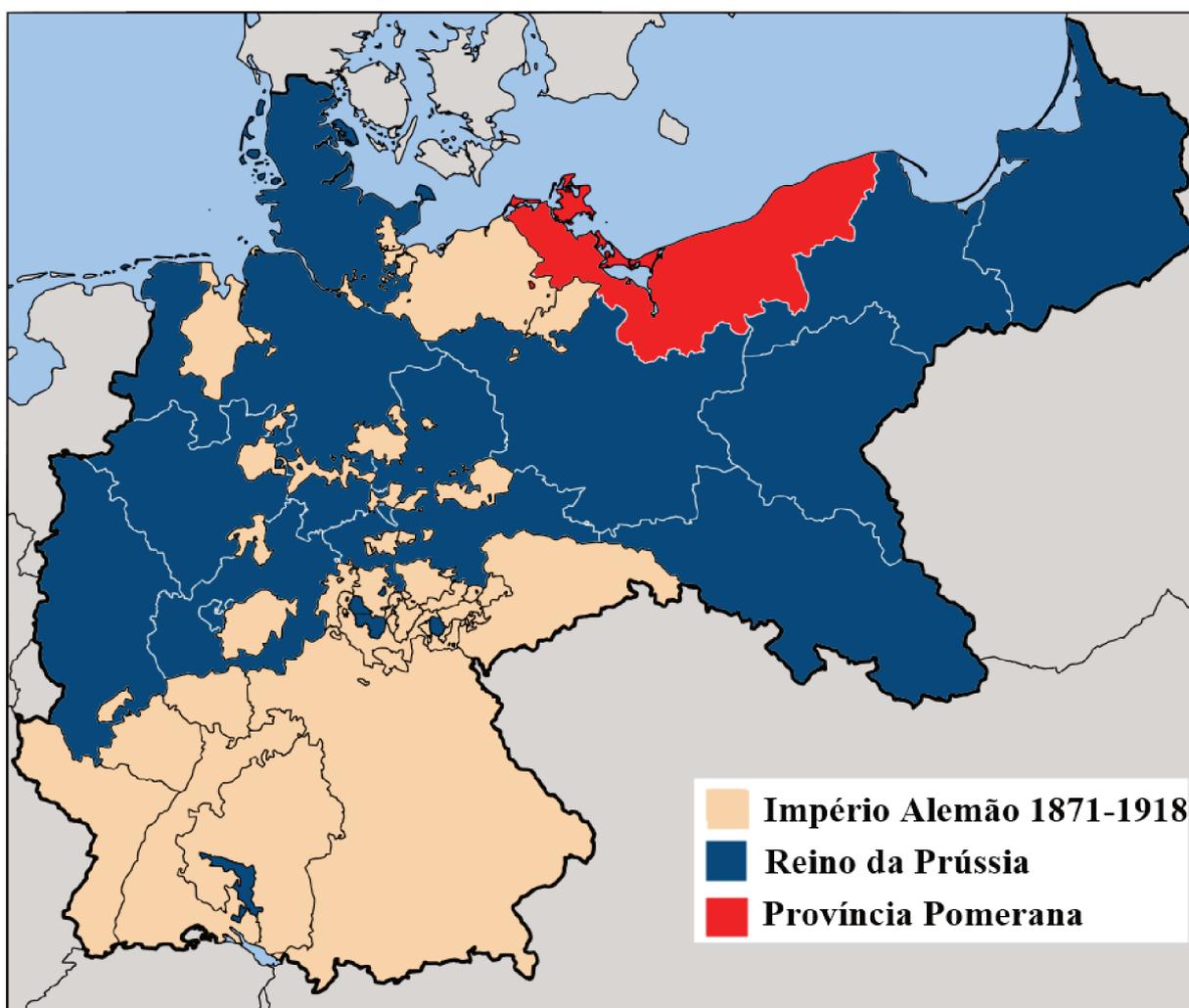
<sup>24</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. p. 16-17.

<sup>25</sup> Ibidem, MALTZAHN, 2011. p. 87

<sup>26</sup> *Idem*.

Para melhor compreensão da distribuição territorial do Império Alemão no qual estava inserida a Prússia e a Província Pomerana da Prússia, entre os anos de 1871 e 1918, podemos observar a figura abaixo<sup>27</sup>:

**Figura 2: Província Pomerana da Prússia inserida no Reino da Prússia**



Fonte: Wikimedia Commons

No ano de 1914, estoura a Primeira Guerra Mundial, e ao término desta, conforme o Tratado de Versalhes<sup>28</sup> no ano de 1919, a Alemanha perdia a maior parte da Província Pomerana da Prússia Ocidental para a Polônia<sup>29</sup>.

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Map-Prussia-Pomerania.svg>> Baseado em um mapa de IEG-Maps project (Andreas Kunz, B. Johnen e Joachim Robert Moeschl: University of Mainz) Acesso em: maio de 2018. (Alterações feitas pela autora)

<sup>28</sup> Acordo de paz assinado entre a Alemanha e os países vitoriosos da Segunda Guerra Mundial (Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e outros países aliados) no ano de 1919.

Figura 3: Alemanha depois de Versalhes



### Alemanha depois de Versalhes

-  **Anexado por países vizinhos**
-  **Administrado pela Liga das Nações**
-  **Alemanha de Weimar**

Fonte: Wikipédia

De acordo com o Tratado de Versalhes, a Alemanha assumia total responsabilidade pelo acontecimento da Primeira Guerra Mundial, comprometendo-se a cumprir uma série de exigências políticas, econômicas e militares impostas pelas nações vencedoras. Além das perdas territoriais (13%), como a devolução dos territórios da Alsácia-Lorena à França, a

<sup>29</sup> Mapa disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Evolu%C3%A7%C3%A3o\\_territorial\\_da\\_Alemanha](https://pt.wikipedia.org/wiki/Evolu%C3%A7%C3%A3o_territorial_da_Alemanha)>. Alterações feitas pela autora. Acesso em: Abril de 2018.

Alemanha também deveria pagar indenizações aos países vencedores, principalmente França e Inglaterra, pelos prejuízos causados pela guerra. A Alemanha também foi proibida de manter sua força aérea em funcionamento e de fabricar tanques e armamentos pesados, além de uma redução de sua marinha para 15 mil marinheiros, seis navios de guerra e seis cruzadores, e da redução de seu exército para no máximo 100 mil soldados<sup>30</sup>.

O Tratado constituiu numa grande humilhação para a população alemã, e seu caráter visivelmente punitivo alimentou um sentimento de revanche e revolta no país cuja economia havia sido fortemente abalada pela absurda indenização. As décadas de 1920 e 1930 foram marcadas pela enorme crise moral e econômica na Alemanha, o que acabou influenciando no surgimento e fortalecimento de movimentos nazifascistas, que levaria a Alemanha para outro conflito armado, a Segunda Guerra Mundial, que eclodiria no ano de 1939, sob comando do ditador nazista Adolf Hitler.

Após a capitulação dos alemães em 8 de maio de 1945, os aliados reuniram-se na Conferência de Potsdam, na tentativa de reestabelecer a ordem na Europa. Nesta conferência, é definido que o norte da Prússia Oriental passa a pertencer à União Soviética e o resto dessa região, como a “Pomerânia Oriental”, passou para o domínio polonês. A população da Pomerânia ao leste dos rios Oder e Neisse foi então perseguida e expulsa de seu território por soviéticos e poloneses. A “Pomerânia Ocidental” é integrada à Alemanha Oriental, sendo definidos como marcas de divisa com a Polônia os rios Oder e Neisse. Com esta nova redistribuição territorial, a “Pomerânia” como Estado, deixa de existir<sup>31</sup>.

Resumindo, de 1186 a 1806, a Pomerânia esteve sob domínio do Sacro Império Romano Germânico. Em 1815 torna-se parte da Prússia, em 1871 do Império Alemão e entre 1945 e 1990, parte da Pomerânia integra a República Democrática Alemã e República Federal Alemã respectivamente<sup>32</sup>.

Na Figura abaixo, é possível vermos a distribuição do território que formava a antiga Pomerânia e que atualmente abrange os territórios da Alemanha e Polônia<sup>33</sup>.

---

<sup>30</sup> Nogueira, Flávio S. O papel dos EUA e da URSS na reconstrução do Estado Alemão na República de Weimar. Anpuh Regional, Rio de Janeiro, 2010. p. 3.

<sup>31</sup> Ibidem, MALTZAHN, 2011. p. 88.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 89.

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://www.testonoticias.com.br/geral/onde-fica-a-pomer%C3%A2nia-pommern-1.1957619>> Acesso em: maio de 2018.

**Figura 3: Localização Geográfica da Pomerânia após a Segunda Guerra**



**Fonte: Site Testo Notícias**

Ao longo de sua história, a Pomerânia foi palco de inúmeros conflitos e permaneceu sob o domínio de diferentes potências. Durante este processo, o povo pomerano viu vidas serem ceifadas muito facilmente e viu acontecer a devastação de suas terras a cada novo conflito.

Na época em que foi província prussiana, e, portanto, parte da Confederação Alemã, muitos pomeranos (cidadãos da Prússia), resolveram emigrar para outros continentes com a intenção de fugir da miséria à qual estavam submetidos em sua terra natal. De acordo com registros do *Pommersches Landesmuseum*<sup>34</sup>, da cidade de Greifswald na Alemanha, a maioria dos imigrantes da Pomerânia emigrou para a América do Norte (cerca de 286.000 para os EUA e cerca de 10.000 para o Canadá), cerca de 10% para a América Latina (cerca de 26.000 para o Brasil), ainda, grupos menores que se estabeleceram na Austrália, África do Sul e outros países do Báltico.

<sup>34</sup> Visita realizada durante intercâmbio acadêmico na cidade de Greifswald no período de 2016-17.

Estes 26 mil pomeranos que vieram para o Brasil estabeleceram-se em diferentes regiões do país, de acordo com as políticas governamentais imigracionistas da época. Cada região que recebeu estes imigrantes terá uma história e um progresso diferentes, porém o desejo por maior liberdade e uma vida melhor e mais digna foi uma característica em comum que carregavam todos eles, como será possível perceber no próximo capítulo.

**Figura 4: Informações sobre a imigração da Pomerânia exibida no *Pommersches Landesmuseum*, Greifswald.<sup>35</sup>**



**Fonte: Arquivo digital da pesquisadora (Foto de 2017)**

<sup>35</sup> “Da Pomerânia para o mundo. A maioria dos imigrantes da Pomerânia mudou-se para a América do Norte (EUA cerca de 286.000, Canadá cerca de 10.000). Em torno de 10% foram para a América Latina – destes a maioria (cerca de 26.000) para o Brasil. Grupos menores assentaram-se na Austrália, África do Sul ou nas regiões do Báltico. Familiares e conhecidos tinham um importante papel na escolha dos destinos. Por regra, não se emigra sozinha e sim em família ou grupos. Assim, 57 famílias de Lubow em Nova Stettin, procuraram no Brasil uma nova Pátria. Isto era mais que ¼ da população da aldeia.” (Tradução livre da autora)

## 2. POR TRAZ DOS FATORES QUE EXPULSAM E FATORES QUE ATRAEM

Durante toda a sua existência, um movimento sempre caracterizou a humanidade: o migratório. Este ocorre por diversas razões, entre elas as econômicas, políticas, religiosas, de guerra, entre outras. É um fenômeno presente desde os tempos mais remotos, constituindo um fenômeno permanente e universal.

De acordo com Rocha e Trindade (1995), emigrar significa deixar a pátria ou a terra própria para se deslocar, refugiar, trabalhar temporariamente ou estabelecer residência em outro país. O emigrante, normalmente deixa seu país por falta de condições de ascensão social, tornando-se o imigrante em outro país, percebido como oferecedor de possibilidades de melhoria de vida<sup>36</sup>.

Há certa concordância entre os historiadores que têm analisado o fenômeno das migrações do século XIX, que ficou conhecido como “o século das migrações”. Entre estes fatores encontram-se a melhoria dos meios de transporte em viagens transoceânicas, frequentes crises econômicas nos setores de produção agrícola e industrial, a precarização das condições de vida no campo, o grande crescimento populacional, e, principalmente por fatores econômicos. Foi minoria os que emigraram devido a perseguições religiosas ou políticas<sup>37</sup>.

Do outro lado, temos os países que vão receber essa massa migratória, entre eles o Brasil, cuja política interna do período favorecia a atração e instalação destes imigrantes, que aqui serviriam para “resolver” o problema da falta de mão de obra gerado pelas políticas abolicionistas, além de ocupar espaços com vazios populacionais<sup>38</sup> que poderiam ser facilmente atacados e ocupados por outras nações, e da tentativa de “branqueamento” da população brasileira diante do medo da ameaça de uma revolta da população negra local, tal como havia acontecido no Haiti no ano de 1791.

### 2.1 Estrutura social e o cotidiano na Pomerânia

---

<sup>36</sup> ROCHA E TRINDADE, Maria Beatriz da. Sociologia das Migrações. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

<sup>37</sup> JOCHEM, Toni Vidal. Pouso dos imigrantes. Florianópolis: Papa-livro, 1992. p. 18.

<sup>38</sup> Neste caso refere-se à não presença de colonização europeia, pois populações indígenas sempre ocuparam estes locais.

Desde os primórdios, a Pomerânia sempre esteve voltada para a agricultura, e a maior parte dos imigrantes que mais tarde chegariam ao Brasil, trabalhavam principalmente como agricultores e (em menor número) artesões na sua terra natal. Em solo pomerano, desde que se inicia a cristianização, o sistema que valia era o *Bauernlegen*<sup>39</sup>, que implicava no confisco e ocupação de pequenas propriedades, praticado por latifundiários pertencentes à nobreza. Não houve nenhum tipo de resistência a esse sistema, pois a administração pomerana dependia da nobreza latifundiária para custear suas guerras. Nem mesmo o movimento reformatório iniciado por Johannes Bugenhagen conseguiu acabar com essa perversa prática. De acordo com Rölke (1996), era a nobreza que “fornecia soldados, alimentos e supria a caixa do Estado para sustentar a máquina administrativa e a máquina de guerra”<sup>40</sup>.

Juntamente com a prática do *Bauernlegen*, a Pomerânia também adotou o sistema feudal baseado na suserania (os ricos proprietários) e na vassalagem (os servos). Como esta região sempre foi alvo de inúmeros ataques durante toda a sua história, os mais abastados organizavam seus próprios meios de defesa, abastados particulares mantinham seus próprios militares e muitas vezes construía suas próprias fortalezas. Aos mais pobres, incapazes de criarem seus próprios meios de defesa, lhes restava submeterem-se aos ricos proprietários, os suseranos, em troca de sua proteção. Nesta troca, os pobres servos precisavam trabalhar nas terras dos senhores feudais durante cinco dias da semana, geralmente. Nos dias que lhes restavam, eles poderiam trabalhar nas suas próprias pequenas faixas de terra, e com o pouco que produziam ali, sustentavam a família e cumpriam com suas obrigações junto ao senhor feudal<sup>41</sup>.

Destas obrigações, fazia parte pagar a moagem dos cereais no moinho do latifúndio, pagar a construção de estradas e caminhos que levavam ao latifúndio ou o cruzavam. Tinham também que pagar a lenha que era usada para o forno coletivo, onde todos os trabalhadores assavam seus pães.<sup>42</sup>

Havia três escalas de servidão: servos de domínio (que trabalhavam o ano todo para o senhor feudal e eram diretamente ligados à sua casa); servos fronteiriços (se fixavam perto de aldeias e trabalhavam em terras arrendadas, trabalhando mais para o senhor feudal do que

---

<sup>39</sup> Expropriação dos camponeses e confisco de suas terras.

<sup>40</sup> RÖLKE, Helmar Reinhard. Raízes da imigração alemã: História e cultura alemã no estado do Espírito Santo. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. pp. 59, 60.

<sup>41</sup> Ibidem, p. 60.

<sup>42</sup> Ibidem, p. 60.

para si); e os servos aldeões (trabalhavam como contratados do latifúndio e muitas vezes eram remunerados apenas com comida).

Além dos servos, existiam os vilões, classe constituída por pequenos artesões que eram economicamente e socialmente mais favorecidos. E por último, os burgueses, que estavam geralmente envolvidos com o comércio, e por não estarem diretamente ligados aos senhores feudais, precisavam pagar tributos mensais ou anuais a estes<sup>43</sup>.

Os latifúndios geralmente seguiam um padrão de organização. Dentro de um grande parque bem organizado encontrava-se uma enorme casa, com todos os luxos possíveis, sendo residência do latifundiário. Mais afastado da casa, nos fundos, encontravam-se os celeiros e os currais. Estas construções formavam um quadrado com uma espécie de pátio interno, onde eram depositadas as fezes dos animais e restos de palhas para virarem adubo, além disso, esse formato de construção permitia um maior bloqueio das rajadas de vento vindas do leste no inverno<sup>44</sup>.

Era comum também, encontrar mais ao fundo destas construções, uma destilaria onde era fabricada a aguardente consumida pelos trabalhadores. Logo ao lado da destilaria, encontravam-se as residências dos trabalhadores fixos, que moravam e eram alimentados pelo latifúndio, e do outro lado a residência dos trabalhadores diaristas. Cada latifúndio tinha suas próprias normas e organização do trabalho<sup>45</sup>.

Este tipo de criadagem (fixa) era responsável pela limpeza dos currais, pela manutenção das carroças, pelo trato dos animais e pela manutenção dos implementos agrícolas. Era também responsável pela limpeza da residência do latifundiário, bem como do trato do jardim que cercava a casa principal.<sup>46</sup>

Franz Rehbein<sup>47</sup>, um trabalhador agrícola em um latifúndio, descreveu um pouco do cotidiano dos trabalhadores neste local. Ele descreve a alimentação escassa a base de pão, sopas ralas e legumes. Também descreve como se dá o convívio entre os trabalhadores e suas ocupações depois de terminada a jornada diária de trabalho.

---

<sup>43</sup> Ibidem p. 61.

<sup>44</sup> Ibidem, pp. 66 – 67.

<sup>45</sup> Ibidem, p. 67.

<sup>46</sup> Ibidem, p. 67 (grifo meu).

<sup>47</sup> Franz REHBEIN, Das Leben eines Landarbeiters. Apud RÖLKE, 2016, pp. 69 – 70

Rehbein também traz informações sobre a vida dos trabalhadores diaristas contratados pelos latifundiários. Estes viviam em pequenas casas onde criavam alguns animais para ajudar na renda familiar e tinham um contrato onde se comprometiam a trabalhar o ano todo para o latifundiário. Quanto às mulheres dos diaristas, o contrato previa que elas deveriam trabalhar 200 dias por ano para o latifundiário e receberiam menos que o homem. Também fazia parte do contrato o fornecimento de mais dois empregados por parte do diarista. Um deles deveria ter no mínimo 17 anos e o outro poderia ter menos idade. Estes empregados não necessariamente eram da família, mas deveriam ser abrigados na mesma casa que o diarista, que também ficava responsável pela alimentação dos mesmos. Quando alguém adoecesse, era obrigação encontrar outro trabalhador para substituir seu trabalho, além disso, cada dia não trabalhado era descontado do pagamento<sup>48</sup>.

Além do pagamento anual feito pelo latifundiário, uma vez por ano, no outono, recebiam também um par de botas e um corte de tecidos para confecção de roupas. O contrato também estipulava que o diarista deveria receber uma cota de cereais, nabos, beterrabas, feno e um pequeno pedaço de terra na qual poderia cultivar e vender seus produtos. Além da colheita, também poderiam ser vendidos os animais que ficavam sob o sistema de engorda na propriedade o ano todo, e cujo esterco era recolhido cuidadosamente para adubar as terras. Com o lucro da venda da colheita e dos animais, o diarista pagava as taxas de moagem dos cereais para fazer pão, o pasto extra para engordar seus animais, e tratamentos médicos caso houvesse a necessidade. Caso o dinheiro não fosse suficiente, se fazia um empréstimo junto do latifundiário para ser devolvido na próxima venda de produtos<sup>49</sup>.

O trabalho dos diaristas era supervisionado pelos capatazes contratados pelo latifundiário. O sistema de controle envolvia a agressão física seguindo uma espécie de “hierarquia”, onde “os nobres açoitavam seus servos; o marido podia bater na esposa e filhos; o artesão batia no aprendiz; o professor nos alunos. Só não apanhava quem estava na classe mais alta da sociedade”<sup>50</sup>.

Na época da colheita (principalmente da batata), era normal empregar diaristas e artesãos temporários para o período de três semanas geralmente. O trabalho começava cedo. Antes das 05:00 horas da manhã os trabalhadores diaristas e artesãos eram buscados de carroça e começavam a trabalhar as 06:00 horas. Havia pausa para um pequeno lanche as

---

<sup>48</sup> Ibidem, RÖLKE, 2016, p. 69.

<sup>49</sup> Idem.

<sup>50</sup> REHBEIN, Apud RÖLKE, 1996. pp. 69 – 70.

10:00 horas, e para o almoço as 13:00 horas. As 18:00 horas o som do apito soado pelo capataz indicava que o trabalho havia chegado ao fim naquele dia. Cada trabalhador precisava voltar pra casa por conta própria, pois o serviço de carroça só funcionava para buscar os funcionários na parte da manhã. A jornada de trabalho não acabava neste momento, pois ao final do dia cada trabalhador ainda precisava voltar para casa para cuidar do seu próprio pedaço de terra e cultivar seus próprios alimentos<sup>51</sup>.

Após 1875 tornou-se cada vez mais normal a contratação de trabalhadores temporários no intuito de cortar despesas e ter menos obrigações com um grande número de trabalhadores fixos durante o ano todo. Os trabalhadores temporários também viam este tipo de trabalho como vantajoso, pois não eram obrigados a cumprir obrigações com o latifúndio no inverno e contentavam-se em receber para trabalhar apenas em épocas de colheita<sup>52</sup>.

Em relação à manutenção dos latifúndios, um ponto que mais tarde acabaria influenciando na decisão dos colonos pela migração, é que em latifúndios regidos pelas mesmas famílias durante muitos anos optava-se por manter as famílias de trabalhadores fixos. Já em latifúndios onde a posse passava para novos proprietários, optava-se pela contratação de trabalhadores temporários por ser economicamente mais viável e por não existir nenhuma espécie de “vínculo” com os empregados. Como também não havia muito apego a terra por parte destes trabalhadores temporários, muitos optaram pela migração<sup>53</sup>.

Quanto ao interesse pela migração, nota-se que os filhos de diaristas optavam geralmente por migrar para as cidades, havendo pouco interesse para a emigração. Já em locais onde não havia grande interesse em migrar para as cidades, nota-se índices consideráveis de emigração de famílias inteiras para a América<sup>54</sup>.

### 2.1.2 As transformações sociais e os “Fatores de Expulsão”

Entender as razões que levam um grupo de pessoas a migrarem é uma tarefa que remete à compreensão da realidade econômica e social às quais estes estavam submetidos. Portanto, para entendermos o que levou os pomeranos a imigrarem para destinos como o

---

<sup>51</sup> Ibidem, RÖLKE, 2016, pp. 71 – 72.

<sup>52</sup> Ibidem, pp. 72 – 73.

<sup>53</sup> Ibidem, p. 73.

<sup>54</sup> Idem.

Brasil, é necessário analisarmos o que acontecia na Europa do século XIX e na Província Pomerana da Prússia nesta mesma época.

A partir do século XVIII a imigração, que até então era de pequenas proporções, passa a ser em massa, e alguns fatores são cruciais na contribuição desta mudança: a necessidade de intensificar o povoamento das posses ultramarinas, o grande crescimento populacional e a Revolução Industrial que ocorre na Europa substituindo grande parte do trabalho braçal pelo trabalho realizado pelas máquinas.

Conforme Rölke (2016), a partir de 1850 “a Prússia chegou a um ritmo de produção tão elevado que assumiu a hegemonia econômica entre os principados/Estados alemães. O volume de sua produção ainda não se equiparava ao da Inglaterra, mas seu ritmo produtivo já era maior.”<sup>55</sup> Passando a ter a hegemonia econômica entre os Estados Alemães.

Para pensar a industrialização na Pomerânia precisamos situá-la dentro das fronteiras do Reino Alemão, onde os estados independentes da Áustria e Prússia eram os mais importantes. No ano de 1806, Napoleão Bonaparte institui o Bloqueio Continental<sup>56</sup> cujo efeito sob os estados germânicos foi o surgimento de indústrias e centros urbanos, desenvolvendo-se as indústrias siderúrgica, metalúrgica e mecânica. Esse crescimento industrial e populacional trouxe consigo ideias nacionalistas cunhadas pela Revolução Francesa de 1789, cujos ideais eram Liberdade, Fraternidade e Igualdade<sup>57</sup>.

Sob pressão da burguesia, a Revolução Francesa eliminou a ordem feudal, aristocrática e religiosa que existia até então. Estas ações eram vistas com preocupação pela Prússia e Áustria, que resolveram intervir militarmente, porém, sendo derrotadas por Napoleão, que se via herdeiro da Revolução Francesa. Apesar da Revolução não ter sido difundida pela Alemanha, crescia na burguesia emergente um desejo de tomar parte nas decisões políticas e sociais do Estado<sup>58</sup>.

Com a queda de Napoleão Bonaparte em 1815 e com o fim do Bloqueio Continental, os produtos ingleses voltaram a ser comercializados nos Estados Alemães, que agora precisavam competir com a indústria inglesa e francesa, o que acabou trazendo o desemprego

---

<sup>55</sup> Ibidem, RÖLKE, 2016, p. 57.

<sup>56</sup> O Bloqueio Continental foi um decreto datado de 21 de novembro de 1806, que consistia em impedir o acesso a portos dos países dominados pelo Império Francês a navios do Reino Unido da Inglaterra e Irlanda. Com isso, o principal objetivo era isolar economicamente as Ilhas Britânicas, sufocando suas relações comerciais.

<sup>57</sup> Ibidem, RÖLKE, 2016 p. 46

<sup>58</sup> Ibidem, p. 47.

e ruína do pequeno artesanato. Assim, o trabalhador era obrigado a aceitar estas condições ou procurar outro trabalho, o que não podia fazer sem se converter em um operário.

Sem trabalho no campo, dirigiam-se às cidades, onde se submetiam á jornadas de trabalho desumanas de até 16 horas diárias sem segurança ou preocupação previdenciária por parte dos empregadores. A população desempregada era tão grande que bastava um operário ficar doente ou machucar-se para ser substituído por outro devido ao grande número de mão de obra disponível. A massa de operários de fábricas vivia na miséria <sup>59</sup>.

A industrialização trouxera consigo não apenas o invento da máquina a vapor, do telégrafo, do telefone, da iluminação elétrica e do trem, mas também uma massa de camponeses e artesões que se viram desempregados ao serem substituídos pela máquina, que passava a determinar o preço do produto e o salário do trabalhador <sup>60</sup>.

Com a intenção de melhorar a realidade econômica e social da Pomerânia, algumas medidas foram tomadas, especialmente após o Congresso de Viena (1814 – 1815), quando a Pomerânia torna-se Província Pomerana da Prússia e passa a ser regida por um governo centralizado<sup>61</sup>.

Mas ante disso, já no ano de 1752, o Rei Frederico, o Grande (1740 – 1786) introduz o cultivo da batata inglesa para amenizar o problema da fome da população. Em 1799, o rei Frederico Guilherme III (1770 – 1840), introduz uma lei com o propósito de eliminar os feudos que estavam sob o domínio do Estado e transformá-los em propriedades livres. Para isto, foi estipulado que o colono que quisesse adquirir aquele pedaço de terra no qual ele já trabalhava há anos precisaria pagar certo valor como forma de indenizar o Estado pela terra cedida. Quem não tivesse o valor firmado pela terra poderia ceder de volta ao Estado uma faixa da terra correspondente ao valor estipulado em dinheiro<sup>62</sup>.

No ano de 1807, foi abolido o sistema de vassalagem e anulado o regime de *fideicomisso*,<sup>63</sup> buscando permitir que os grandes proprietários dividissem ou vendessem parcela de suas terras aos camponeses que nela viviam<sup>64</sup>.

---

<sup>59</sup> Ibidem, RÖLKE, 2016, pp. 48, 49.

<sup>60</sup> JOCHEM, Toni Vidal. São Pedro de Alcântara 1829-1999: aspectos de sua história. Coordenação dos Festejos, 1999. p. 22

<sup>61</sup> Ibidem, p. 62.

<sup>62</sup> Ibidem, pp. 62 – 63.

<sup>63</sup> *Fideicomisso* ou Morgadio: sistema no qual a transmissão por herança de uma propriedade de terra passa ao filho mais velho, sem o direito de hipotecá-la, dividir ou aliená-la integralmente ou em parte.

Entre os anos de 1810 e 1816, foi desencadeada em toda a Prússia a Reforma Agrária, que, no entanto, não seria bem vista pelos latifundiários, que passaram a pressionar o governo para que esta lei fosse alterada. O rei da Prússia, que dependia do dinheiro da nobreza para manter o exército, acabou cedendo às exigências e revogando a lei original no ano de 1816, anexando a ela a condição de que o colono só poderia tornar-se proprietário da terra se o mesmo comprovasse que esta era cultivada por ele já antes do ano de 1763. Ou seja, se por um lado o Estado havia criado as condições para “libertar” os pequenos colonos, por outro lado ele acabou devolvendo aos latifundiários os colonos sem condições financeiras para arrendar um pedaço de terra ou comprovar que trabalhava nelas já antes do ano de 1763<sup>65</sup>.

Mesmo que em condições precárias, percebe-se um desenvolvimento econômico na Pomerânia e, entre os anos de 1800 a 1850, nota-se o aumento de cerca de 100% da população do campo, que aumentou de 400 mil para 800 mil habitantes. Já a população das cidades aumentou de 200 mil para 300 mil habitantes<sup>66</sup>. Esse aumento populacional significava a racionalização cada vez maior do acesso a terra e o aumento da disponibilidade de mão de obra que competiria por uma oportunidade de trabalho nas cidades.

No campo, a descoberta do adubo mineral sintetizado pelo químico alemão Justus Liebig, em 1840, deu fim ao sistema de cultivo trienal, podendo ser cultivadas permanentemente todas as áreas. Além do adubo, o avanço tecnológico das ferramentas e implementos agrícolas e a implementação do uso da máquina a vapor no campo, levava a um uso cada vez mais racional da terra e da mão de obra para cultivá-la. Consequência destes avanços foi o excesso de mão de obra no campo, e na tentativa de diminuir seu impacto foi criado no ano de 1853 um decreto proibindo o trabalho de crianças menores de 12 anos para amenizar o desemprego dos adultos<sup>67</sup>.

A indústria, apesar de crescente, não era tão desenvolvida na Pomerânia, sobretudo na Pomerânia Oriental, o que dificultava ainda mais o acesso ao trabalho daqueles que saíam do campo e deslocavam-se para as cidades em busca de trabalho.

Em termos gerais, pode-se afirmar que a Revolução Industrial estava resultando na liberação de grande quantidade de mão de obra, tanto nos campos quanto nas cidades.

---

<sup>64</sup> JOCHEM, Toni Vidal. São Pedro de Alcântara 1829-1999: aspectos de sua história. Coordenação dos Festejos, 1999. p. 26

<sup>65</sup> Ibidem, RÖLKE, 2016, p. 63.

<sup>66</sup> DAMITZ, (s.d.) apud RÖLKE, p. 64. Vitória: Ed. da UFES, 1996. 106 p.

<sup>67</sup> Ibidem, RÖLKE, 2016. p. 65.

Homens e mulheres empobrecidos, alguns condenados a morrer de fome, estavam dispostos a deixar tudo para se jogar a uma chance de ter acesso a um elemento básico da sobrevivência: o alimento. Estas pessoas muitas vezes nem chegavam a alcançar sua meta, ficando jogados em grandes portos sem condições financeiras para seguir além. Mas o objetivo era claro: oferecer um futuro melhor para si mesmo e para seus descendentes num lugar onde teriam acesso a terras e alimentos, algo que não tinham mais acesso em sua terra natal<sup>68</sup>.

Em algumas regiões da Alemanha o aumento populacional agravou o problema da divisão excessiva de lotes agrícolas devido ao aumento do número de casamentos e famílias que necessitavam um pedaço de terra para garantir seu sustento. Como consequências, o preço da terra se elevou e as propriedades diminuíram, resultando no menor volume de produtos que poderiam ser produzidos.

No geral, trabalhava-se para os grandes senhores, ganhava-se pouco e mal dava para sobreviver. A respeito do tema, Jorge Cunha, se reportará a um importante texto de Karl Kautsky descrevendo esta situação calamitosa:

As propriedades se reduzem tanto que já não bastam para a manutenção de uma vaca. O leite desaparece da mesa, sendo substituído por uma infusão de chicória. Com a vaca desaparece o esterco. Desaparece também o animal que puxava o arado. Cai a produtividade dos campos cada vez mais impróprios para a cultura de cereais. De resto, o trigo precisa ser moído e cozido para servir de alimento. Dá-se então, preferências às plantas menos exigentes e que, na mesma proporção, fornecem produtos na verdade de menor valor nutritivo, mas de peso mais considerável. Tais são as couves, os rábanos, e, sobretudo as batatas, produtos que podem ser empregados na cozinha sem maiores preparos.<sup>69</sup>

A realidade social e econômica a qual estavam submetidos e que criava uma série de “fatores de expulsão” da Pomerânia passariam a juntar-se aos “fatores de atração” oferecidos pelo governo imperial brasileiro que eram transmitidos através das propagandas feitas pelos agentes de imigração enviados para os Estados Alemães no intuito de atrair o maior número possível de imigrantes para as terras brasileiras.

Propagandistas do Brasil chegaram aos Estados Alemães e fizeram acordos com as grandes empresas marítimas para transporte de imigrantes e organizaram associações de imigração e colonização. Havia uma preferência por parte do imperador do Brasil para a

---

<sup>68</sup> JOCHEM, Toni Vidal. Pouso dos imigrantes. Florianópolis: Papa-livro, 1992. p. 20.

<sup>69</sup> JOCHEM, Apud KAUTSKY, 1980. São Pedro de Alcântara 1829-1999: aspectos de sua história. Coordenação dos Festejos, 1999. p. 20.

imigração alemã e austríaca, uma vez que D. Pedro I era casado com a princesa Leopoldina, da casa dos Habsburgos, cujas origens o influenciavam nesta decisão. Além do fato de ser desinteressante convidar imigrantes de nações possuidoras de colônias, como por exemplo a França, Espanha, Holanda ou Inglaterra, pois se entendia que abrir as portas para imigrantes destas nações poderia significar um enorme risco para a nação.

Com a pobreza e dificuldades trazidas aos Estados Alemães pelas guerras napoleônicas, as propagandas sobre o Brasil tiveram grande repercussão entre aqueles com interesse de emigrar. De acordo com as leis vigentes na época, na Prússia os cidadãos precisavam uma autorização especial para emigrar para outro país. Os agentes responsáveis pela autorização de emigração na Prússia ficaram, temporariamente, proibidos de conceder essa autorização. Mesmo após a mudança das leis sobre a concessão desta autorização (que não era mais obrigatória), a emigração para outro país ainda era mal vista pelos governantes, pois estavam perdendo grande parte da sua população trabalhadora. Esta desaprovação pode ser percebida no discurso de Otto von Bismark: “Um alemão que abandona o seu país, como abandona uma roupa velha, no meu entender não é mais um cidadão alemão e não tenho mais qualquer interesse patriótico nele”.<sup>70</sup>

A Prússia não queria perder potencial humano, pois este era indispensável para manter sua posição militar e política na Europa, além de manter funcionando e produzindo os imensos latifúndios. Notícias sobre a situação de alguns imigrantes em péssimas condições no Brasil, principalmente em São Paulo, fizeram com que governantes da Prússia dificultassem a saída de sua população. E neste contexto, é criada em 1853 pelo Estado da Prússia, a “Lei da Imigração”, com o objetivo de barrar a saída da população, além de restringir os espaços que os agenciadores ocupavam em jornais e outros meios de comunicação para o aliciamento de imigrantes<sup>71</sup>.

Em relação ao Brasil, quando o governo prussiano concedia autorizações para emigrar, estas autorizações eram inicialmente exclusivas para as colônias de Dona Francisca (Santa Catarina) ou São Leopoldo (Rio Grande do Sul).<sup>72</sup> Esta preocupação por parte das autoridades pode ser percebida na resposta recebida por Peter Pulling, que enviara um requerimento de emigração para uma colônia brasileira que não era nenhuma das duas citadas acima:

---

<sup>70</sup> GRANZOW, Klaus. Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul: Colonos Alemães no Brasil. 2009. p. 167.

<sup>71</sup> Ibidem, RÖLKE, 2016. Pp. 101-104.

<sup>72</sup> Ibidem, RÖLKE, 2016. p. 103.

Sejam alertados, que não lhes será possível, diante das propostas apresentadas, tornarem-se senhores livres no Brasil, a não ser que tenham os meios necessários para custear a travessia, capital para aquisição de terras e a instalação; caso apostarem no seu futuro diante das propostas de empréstimo fácil dos agentes de emigração, estarão à mercê da dura sorte, terão que viver durante muitos anos na dependência de seus credores, prestando-lhes serviço obrigatório, não melhor do que escravos<sup>73</sup>.

Com o objetivo de ter maior conhecimento sobre a real situação dos imigrantes no Brasil, o governo prussiano enviou para o Rio de Janeiro agentes que ficariam responsáveis por mantê-los informados. Estes agentes elaboraram denúncias alegando que muitos imigrantes viviam sob uma espécie de escravidão e que haviam adquirido tantas dívidas junto dos latifundiários brasileiros, principalmente nas fazendas de café paulistas, que o sonho e a promessa por terras próprias estavam longe de ser real<sup>74</sup>.

No parlamento prussiano, discutia-se sobre a decisão da sua população por migrar mesmo sabendo de todas estas notícias. Alguns parlamentares alegavam insensatez por parte da população, enquanto outros alegavam que a decisão era tomada em função da penúria e desespero. O fato é que, por penúria ou insensatez, as medidas que vinham sendo tomadas pelo governo prussiano não eram capazes de conter o fluxo migratório para o Brasil. A decisão de não conceder mais licenças para agenciadores de imigração na Prússia era praticamente ineficaz, pois a população dirigia-se aos portos de Hamburgo, onde as leis prussianas não tinham jurisdição e era possível assinar livremente contratos com agenciadores brasileiros<sup>75</sup>.

Diante deste cenário, é criado em 1859 o Rescrito von der Heydt, no qual o governo prussiano decidiu tratar drasticamente tudo o que se referisse a emigração para o Brasil. Proibiu-se a emigração em todos os casos em que eram propostos empréstimos aos colonos para a travessia e a aquisição de terras. Foram rescindidas todas as concessões dadas aos agenciadores a partir de 15 de janeiro de 1854, foram também rescindidas concessões dadas a determinadas agências e companhias empreendedoras<sup>76</sup>.

Consequência disto, é que a imagem do Brasil ficou de certa forma, “manchada” na Europa como um país que recebe mal e de forma displicente os seus imigrantes. Ao mesmo

---

<sup>73</sup> SUDHAUS, Fritz, Deutschland und die Auswanderung nach Brasilien im 19. Jahrhundert. p. 108.

<sup>74</sup> Ibidem, RÖLKE, 2016. p. 104.

<sup>75</sup> Ibidem, p. 106.

<sup>76</sup> Ibidem, p. 107.

tempo, fez com que as autoridades brasileiras passassem a dar maior atenção às questões que envolvessem a vinda de imigrantes ao país<sup>77</sup>.

Durante este período, só poderiam chegar ao Brasil os imigrantes que pudessem arcar com os custos de sua travessia e instalação ou aqueles que de certa forma conseguissem ludibriar as autoridades e embarcar em portos onde o poder da Prússia não os alcançava. Porém, é necessário destacar que embora a emigração nas províncias prussianas tenha sido dificultada, o Rescrito von der Heydt não foi capaz de conter o fluxo emigratório, uma vez que colonos novamente eram convencidos a emigrarem para o Brasil, principalmente através do porto de Hamburgo. Além disso, o rescrito também não conseguiu alterar a situação daqueles que já haviam se estabelecido no sudeste brasileiro, onde passavam por grandes dificuldades<sup>78</sup>.

Ainda sobre o Rescrito, o historiador João Klug aponta que facilmente ocorrem equívocos entre autores que apontam para o caráter prejudicial da medida tomada pelo governo prussiano, que teria resultado em grandes prejuízos para os empreendimentos com a imigração alemã no geral. Em um estudo mais aprofundado das fontes a respeito do Rescrito Von der Heydt, é possível perceber que seu conteúdo não era de proibição da imigração para o Brasil, mas sim de proteção de seus súditos prussianos frente aos agentes inescrupulosos. É possível constatar ainda, que a medida foi praticamente ineficaz, observando-se o aumento no número de imigrantes que entravam no Brasil no período em que o Rescrito estava vigente<sup>79</sup>.

Em 1861, novas tentativas de negociação sobre a imigração com o governo brasileiro renderam frutos. Nestas negociações, algumas exigências do governo prussiano foram atendidas e assim, novas permissões foram concedidas aos colonos que desejavam emigrar, intensificando a imigração de famílias pomeranas para o Brasil a partir desta data<sup>80</sup>.

Os imigrantes que decidiram deixar a Pomerânia e lançar-se ao Brasil saíam de vilarejos dos distritos de Köslin, Kolberg, Belgard, Regenwalde, Greifenberg, Schivelbein e Neustettin principalmente<sup>81</sup>.

Aqueles que por fim se decidiam pela emigração, não o faziam sem sentimento de dor ao deixar sua terra natal que já não era mais capaz de suprir as necessidades básicas de seus

---

<sup>77</sup> Ibidem, p. 108

<sup>78</sup> Ibidem, p. 108-109.

<sup>79</sup> KLUG, João. Imigração no Sul do Brasil, 2009. p. 11.

<sup>80</sup> Ibidem, p. 109-111.

<sup>81</sup> GRANZOW, Klaus. Zur Geschichte der pommerschen Auswanderung nach Brasilien. 1973. p. 60

cidadãos. No Brasil, sentiriam as dores da saudade de casa enquanto a mata praticamente intocada os faria sofrer para enfim conquistarem seu tão sonhado pedaço de terra.

## 2.2 Motivos de atração

Em um trecho de seu livro, Jochem (1992), exprime de forma resumida os “dois lados da moeda” que fizeram com que um grande número de pessoas deixasse sua terra natal e viesse ao encontro do Brasil:

Seja a profissão que não alimenta mais o homem; seja a terra que não produz mais o suficiente; seja a vida garantida, mas sem possibilidade de avanço; seja a penúria econômica imposta aos povos germânicos; seja o excessivo crescimento populacional e a falta de terra para o trabalho; sejam os elevados impostos; [...] seja a propaganda feita da nova terra onde a vida era facilitada, e agora, culminando, o Imperador do Brasil havia feito o convite; ele precisava de homens para colonizar suas imensas terras<sup>82</sup>.

A escolha pelo Brasil não havia sido por acaso, uma série de políticas governamentais e vantagens foram oferecidas àqueles que imigrassem, para contextualizá-las, voltaremos ao ano de 1808, com a transferência da corte portuguesa para o Brasil, escoltada por navios ingleses.

Esta transferência às pressas para o Brasil resultaria numa mudança da estrutura política e intelectual da época, sendo de fundamental importância para o futuro do Brasil. Antes deste episódio, todos os interesses dos administradores e latifundiários voltavam-se quase que exclusivamente para a sede da monarquia em Lisboa. Não havia qualquer interesse em estabelecer relações mais profundas com o Brasil, apenas em sugar suas riquezas para abastecer Portugal.

Se até então as terras brasileiras só serviam para serem sangradas, agora então se tornariam o centro da administração portuguesa. O território foi dividido em províncias que foram unificadas sob um poder monárquico central.

Ainda no mesmo ano da transferência da corte, D. João assinou uma carta régia que decretava a abertura dos portos brasileiros, ficando livre a entrada de quaisquer produtos

---

<sup>82</sup> Ibidem, JOCHEM, 1992, p. 20

importados no país, desde que eles fossem transportados por navios portugueses ou pertencentes às “nações amigas”<sup>83</sup>.

A abertura dos portos também possibilitou a entrada de estrangeiros no país, e para reforçar o incentivo de suas vindas, em setembro de 1808, o governo decide financiar a vinda dos imigrantes, proporcionando-lhes transporte, terra, sementes, animais, ferramentas e diárias, evidenciando sua política imigratória. Em 25 de novembro de 1808, um edital do Príncipe Regente concedeu aos imigrantes o direito de adquirir sesmarias junto ao Estado, direito até então só concedido aos portugueses. O objetivo por trás da concessão era aumentar as lavouras e a população. Os benefícios continuavam. Em novembro de 1814, D. João convida os europeus para emigrar. Em 1818, em uma Carta Régia datada de 16 de maio, com o objetivo de fundar uma colônia suíça, o governo possibilitou concessões ainda maiores. De acordo com a legislação vigente, o governo garantia passagem livre por mar e por terra ao Brasil, doação de terreno com casa provisória, um boi de tração ou um cavalo, duas vacas leiteiras, quatro ovelhas, duas cabras e dois porcos para cada família de três a quatro pessoas, ainda, sementes de trigo, feijão, arroz, milho, linho cânhamo, e óleo de rícino para lâmpadas. O governo concedia estes favores apenas para quem professasse a religião católico-romana, e se exigia destes imigrantes que trouxessem um médico, um farmacêutico e dois a quatro religiosos<sup>84</sup>.

Em 1820, em um decreto datado de 16 de março, o governo acha vantajoso estabelecer colônias no Reino do Brasil, concedendo aos imigrantes terras por doação. A cada família cabiam 160.000 braças quadradas<sup>85</sup>, cavalos, vacas, bois, além de um terreno para a comunidade e área para a edificação de uma cidade. De acordo com esse decreto, sempre que uma colônia fosse fundada, ela deveria seguir as seguintes normas:

Os colonos ficavam isentos dos impostos durante dez anos, mas estavam obrigados, a exemplo dos demais súditos portugueses, a pagar o quinto do ouro eventualmente descoberto, além de taxas sobre mercadorias comerciáveis. Havia a inalienabilidade das terras: caso os beneficiados as abandonassem antes de decorridos dez anos de permanência no Brasil, perderiam o direito sobre os terrenos doados. Uma vez estabelecidos na colônia, passavam a ser considerados súditos do Rei. Cada distrito

---

<sup>83</sup> Martin N. DREHER, Igreja e Germanidade, 1984. p. 23.

<sup>84</sup> JOCHEM, Toni Vidal. A formação da colônia alemã Teresópolis e a atuação da Igreja Católica (1860 – 1910). Florianópolis, 2002. pp. 24-25.

<sup>85</sup> 160.000 braças quadradas equivalem a 53,512151 hectares.

colonial era administrado por um diretor nomeado pelo Rei até que sua população aumentasse a ponto de se poder organizar uma pequena cidade<sup>86</sup>.

Lembrando que tinham direito a esses benefícios apenas os colonos que professassem a religião católico-romana e que fossem “boas pessoas e de bons costumes” e que provassem estas exigências mediante certificado reconhecido pelos “Ministros ou outros funcionários de Sua Majestade no Exterior”<sup>87</sup>.

Em 1821, D. João VI se vê obrigado a retornar para Portugal que passava por um período de crise econômica, que gerava conflitos e descontentamentos entre a população portuguesa. Porém, como havia proclamado a criação do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves no ano de 1815, deixou seu filho Pedro como príncipe regente do Brasil.

Esta decisão implicaria numa grande pressão por parte da população da metrópole portuguesa que estava insatisfeita com a forma escolhida pelo imperador para governar Portugal e suas posses. Queriam que o Brasil voltasse a ser colônia, para assim continuar a “sangrar” suas riquezas, e, ter um príncipe regente em terras brasileiras atrapalhava esse desejo. Com este pano de fundo, é proclamada por D. Pedro no dia 07 de Setembro de 1822, a independência política brasileira de Portugal. Foi coroado imperador do Brasil em dezembro do mesmo ano, passando a ser denominado D. Pedro I.

A independência do Brasil foi acompanhada de alguns fatores que contribuiriam no processo de imigração, como por exemplo, o surgimento de um único Estado, e a tentativa de fazer desaparecer o regionalismo, o que se mostrou ineficaz visto a quantidade de revoltas regionais que se verificaram. Também aqui se encaixa a formação da “nação brasileira” com a delimitação das fronteiras, a ocupação de grandes áreas despovoadas por uma população imigrante branca, e, mais tarde, a abolição da escravidão e a tentativa de “branqueamento” da população através da imigração europeia<sup>88</sup>.

A Inglaterra se opunha fortemente ao tráfico de escravos para o Brasil. Aos ingleses não interessava que o Brasil exportasse tanto açúcar, pois este competia com o açúcar produzido nas Antilhas Inglesas que era produzido através do trabalho assalariado, ou seja, mais caro e menos desejado que o açúcar produzido de forma quase “gratuita” através da mão

---

<sup>86</sup> Ibidem, JOCHEM, 2002. pp. 25-26.

<sup>87</sup> Ibidem, p. 26.

<sup>88</sup> Ibidem, pp. 136-137.

de obra escrava no Brasil. Assim, desde o ano de 1810 o governo inglês vinha pressionando o governo brasileiro pelo fim do sistema escravagista <sup>89</sup>.

O reconhecimento da independência brasileira diante de outras nações era de extrema importância, pois lhe garantiria maior visibilidade e projeção econômica. O reconhecimento já havia acontecido por parte dos Estados Unidos no ano de 1824, e por Portugal (com a intermediação da Inglaterra) no ano de 1825, através do *Tratado de Paz e Aliança*. Ter o reconhecimento da Inglaterra, que era uma das maiores potências mundiais da época, contribuiria bastante para o crescimento econômico do Brasil. Porém, como “moeda de troca” pelo reconhecimento da independência política brasileira, os ingleses exigiam que o Brasil proibisse o tráfico de escravos. Assim, no ano de 1827 foi feita uma primeira tentativa de acordo, o qual previa a extinção do tráfico de escravos até o ano de 1830, sendo que após essa data, o comércio de escravos para o Brasil seria considerado pirataria <sup>90</sup>.

Apesar de assinado o tratado, não havia interesse por parte da política brasileira em exterminar o tráfico de escravos, uma vez que o país se apoiava economicamente sob os pilares da escravidão. Não tendo cumprido com o acordo de 1827, uma nova lei seria promulgada em comum acordo com os ingleses em novembro de 1831, intitulada “Lei Feijó-Barbacena”, que também ficou conhecida como “lei pra inglês ver”, pois apesar de ter reduzido o número, não foi capaz de exterminar completamente o tráfico de escravos para o país. Apenas em 1850, através da Lei Eusébio de Queirós, é que começa a ter fim o tráfico de escravos para o Brasil.

Apesar do processo lento que levou ao ‘fim’ do tráfico de escravos no Brasil, a preocupação com seu possível fim e a pressão vinda de fora, fez com que o governo brasileiro se preocupasse em encontrar uma alternativa para o fim da escravidão desde cedo, neste caso, a alternativa mais adequada seria a imigração voluntária, que já vinha sendo incentivada desde 1808.

Com a independência do Brasil, a pauta da imigração ganhou ainda mais força na política imperial brasileira. Nesta época, a população brasileira era calculada em 3,5 milhões de habitantes, sendo em torno de 68,5% escravos em sua maioria negros. Era no trabalho destes escravos que se baseava a estrutura essencialmente agrária do país<sup>91</sup>. Isto trazia algumas preocupações para o governo brasileiro, pois temiam que pudesse se repetir o que

---

<sup>89</sup> CARVALHO, João D. A. C. L.. O tráfico de escravos, a pressão inglesa e a lei de 1831. UFJF, 2009.

<sup>90</sup> Ibidem.

<sup>91</sup> Ibidem, DREHER, 1984. p. 26.

acontecera no Haiti no ano de 1791, onde a população escrava negra organizou-se numa revolta que assumiu o poder e dizimou a elite branca local.

A preocupação em criar uma classe média também vinha sendo pautada. Pretendia-se formar uma classe composta por pequenos produtores e artesãos, para não basear a economia do país apenas nos grandes latifúndios. Para a construção desta classe média, algumas medidas foram tomadas, como por exemplo, a proibição de imigrantes possuírem escravos como mão de obra. Estes poderiam contratar diaristas ou trabalhar em sistemas de parceria com outros agricultores <sup>92</sup>.

D. Pedro I era um incentivador da imigração, e alegava em seu discurso que: “[...] é necessário apoiar o desenvolvimento da agricultura, é absolutamente necessário facilitar a travessia e fomentar o aliciamento de bons colonos que aumentem o número de braços, dos quais necessitamos” <sup>93</sup>. Em outro discurso datado do ano de 1828, o primeiro ministro Araújo Lima afirma que:

A população do Império aumenta dia-a-dia; com um clima ameno, com solo fértil, o Brasil tem que ver crescer o número de seus filhos no mínimo na mesma proporção que os Estados Unidos da América do Norte... O comércio escravagista diminui e nós nos encontramos diante da necessidade de preencher esta lacuna. Temos que proteger a pessoa e a propriedade. Temos que criar liberdades para a agricultura e a indústria, garantir os contratos entre proprietários e arrendatários, especialmente em se tratando de estrangeiros, facilitar a aquisição de meios de subsistência: isto atrairá braços, dinheiro e indústria. [...] O Brasil necessita de braços laboriosos e trabalhadores <sup>94</sup>.

É nessa fase que entra o papel dos agentes de imigração, que eram pessoas contratadas pelo governo imperial para realizar o trabalho de incentivar a imigração e recrutar o maior número de imigrantes possível para viver e trabalhar em terras brasileiras. Nas cidades portuárias, os agentes ficavam responsáveis por contratar as companhias de navegação pelas quais vendiam as passagens aos interessados, nas outras cidades, nomeavam seus representantes para a tarefa de vender as passagens. Com o aumento do fluxo imigratório, estes agentes passaram a nomear subagentes que tinham certa influência junto do povo: professores, prefeitos, padeiros, donos de hospedarias, carteiros e mesmo religiosos, para

---

<sup>92</sup> Ibidem, RÖLKE, 2016. p. 143.

<sup>93</sup> Ibidem, DREHER, 1984. p. 29.

<sup>94</sup> Ibidem, p. 31.

fazer os primeiros contatos com aqueles que pudessem estar interessados em emigrar. Os subagentes ganhavam pago de acordo com o número de contratos que firmavam<sup>95</sup>.

Vale destacar que os agentes de imigração recebiam de acordo com o número de imigrantes que traziam para o Brasil. Assim, no intuito de trazer o maior número possível de pessoas, muitas vezes esses agenciadores faziam promessas que não eram aprovadas pelo próprio governo brasileiro, e até mesmo contrastavam com a própria constituição brasileira. Como é o caso do exemplo abaixo, extraído do relatório apresentado ao Governo da Província pelo ex-diretor da Colônia de São Leopoldo, Dr. João Daniel Hillebrand. No relatório consta o seguinte:

1° A pagar as passagens dos Alemães, que quiserem ir colonisar o Brasil; cuja despesa não lhes seria levada em conta, e sim paga pelos Cofres Nacionaes.

2° O admitir no Imperio aos Colonos Alemães como Cidadãos Brasileiros, cujo foro gosarião logo ao chegar.

3° A não por impedimento algum ao Culto, fosse elle qual fosse que professassem os Colonos; cuja liberdade lhes era além disso garantida pela Constituição do Imperio.

4° A dar a cada Colono e a cada Chefe de família uma propriedade de terreno livre e desembaraçado, medido e demarcado, com hua área superficial de 160000 braças quadradas, parte em campo, terras pra lavoura, e parte em Mattos virgens.

5° A conceder gratuitamente como propriedade livre e a cada Colono ou em proporção ao tamanho das famílias, cavalos, bois, vaccas, ovelhas, porcos &.

6° A pagar a cada Colono diariamente a quantia de um franco (160 reis) e no segundo ano a metade (80rs) por cada cabeça indistinctamente.

7° Serem os colonos durante os primeiros dez annos isentos de pagar direitos, tanto de seos rendimentos, quanto de outro qualquer objeto, a serem isentos durante esses mesmos dez annos de faser qualquer serviço ao Estado.

8° A que os Colonos receberião tudo o sobredito mencionado gratuitamente e como propriedade livre; porem que não poderião alienar nada disso nos primeiros dez annos; acabado que seja este praso, que poderião dispor do mesmo como bem lhes parecer, e que pagarião findo o prazo de dez annos, o disimo de producto de suas lavouras<sup>96</sup>.

Hillebrand vê nestas promessas concessões que o governo havia feito para os imigrantes alemães no ano de 1824, mas na realidade trata-se de promessas feitas pelos agentes colonizadores. Como citado anteriormente, a imediata concessão da cidadania

---

<sup>95</sup> Ibidem, JOCHEM, 2002. p. 23.

<sup>96</sup> Ibidem, DREHER, 1984. pp. 31-32.

brasileira, a liberdade religiosa plena e a liberação de impostos por um período de dez anos eram impossibilidades constitucionais<sup>97</sup>.

No ano de 1830, a política imigratória do Império passaria por mudanças, pois forças conservadoras do parlamento, aliadas aos latifundiários, tiravam do governo, através da lei de 15 de dezembro de 1830, todos os meios financeiros para promover a colonização com elementos estrangeiros. Os motivos que culminaram nesta lei eram simples. Os latifundiários viam de forma negativa a política imigratória do governo em conexão com a política inglesa de acabar com o tráfico de escravos, pois a libertação desta mão de obra era extremamente nociva para os latifúndios. Além do fato que estes grupos viam ameaçada a supremacia dos descendentes de portugueses, que haviam se estabelecido a mais tempo no Brasil<sup>98</sup>.

O Ato Adicional, Lei de Reforma Constitucional, de 12 de agosto de 1834, delega às Assembleias Legislativas Provinciais o direito de fundar novas colônias de língua estrangeira. Além deste ato que dava poder para as Províncias promoverem a colonização, em 1836, a Lei nº 49, datada de 15 de junho, permitia a colonização por empresas ou companhias, tanto nacionais como internacionais, além de outras iniciativas<sup>99</sup>.

É nesse contexto ainda, que surge o Sistema de Parceria, de iniciativa privada do então Senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, em seu latifúndio na fazenda Ibicaba, no noroeste paulista. Com apoio do governo imperial, trouxe alemães e suíços para trabalhar em sua fazenda cafeeira. Sua iniciativa foi seguida por outros fazendeiros paulistas e do Rio de Janeiro. O sistema consistia basicamente no trabalho de colonos nas grandes fazendas cafeeiras, onde na maioria das vezes, prevalecia apenas o interesse do latifundiário, sem preocupar-se com o bem-estar do imigrante, associando o trabalho livre e escravo. Diferentemente dos sistemas adotados até então para a imigração, o Sistema de Parceria consistia na divisão do trabalho e não das terras. Os colonos eram contratados na Europa e encaminhados para o Brasil. Como “adiantamento” do seu salário, recebiam pago a travessia e o transporte até as fazendas, que seria descontado assim que o colono tivesse condições de pagar o “empréstimo”<sup>100</sup>.

Já nas fazendas, precisavam pagar também sua alimentação nos primeiros anos, além de comprar sementes e ferramentas, muitas vezes eram indiretamente forçados a contrair

---

<sup>97</sup> Idem.

<sup>98</sup> Idem.

<sup>99</sup> Ibidem, JOCHEM, 2002. p. 28.

<sup>100</sup> Ibidem, pp. 22-23.

outras dívidas. Esse método de endividamento dos colonos fazia com que eles ficassem presos às fazendas até liquidarem suas dívidas. A questão da imigração havia se tornado uma questão de braços. A justiça estava sempre a serviço do patrão e os imigrantes consideravam-se espoliados e reduzidos à condição de verdadeiros escravos.

Estas situações, tanto de colonos enganados por agenciadores quanto a situação de colonos nos sistemas de parceria em São Paulo, repercutiram de forma negativa na Europa e criaram preocupações entre as autoridades, como foi o caso do governo prussiano que chegou a proibir a emigração de sua população para o Brasil. Este impacto negativo, fez com que o governo brasileiro desse mais atenção às questões ligadas a imigração. O sistema de parceria fracassou, e foi adotado o trabalho assalariado, onde o colono poderia receber por dia, semana, ou mês trabalhado na fazenda.

De acordo com Manuel Diegues Júnior, citado por Jochem, é possível dividir a imigração no século XIX para o Brasil em três principais fases:

De 1808 a 1850 – Inicia-se com a abertura dos portos e vai até a extinção do tráfico de escravos. Nesta fase se evidencia um índice de crescimento nas estatísticas de imigrantes até 1830 que, com a suspensão do financiamento da imigração, decaiu nos anos seguintes. A partir de 1845 esse movimento é retomado, aumentando-se, assim, as estatísticas imigratórias.

De 1850 a 1888 – Essa fase é marcada pela lei de extinção do tráfico de escravos e, conseqüentemente, pelo aumento do fluxo imigratório.

De 1888 em diante – Começa em 1888 com a abolição da escravatura, abrindo novas perspectivas para a imigração, e vem até nossos dias.

É possível ainda, dizer que nos princípios do século XIX, a política de imigração imperial tinha como objetivo mais amplo promover a povoação do país. No entanto, à medida que o sistema escravagista se vê cada dia mais ameaçado, o objetivo da imigração passa a ser principalmente a necessidade de substituir o braço escravo.

As primeiras imigrações dirigiram-se especialmente para as regiões sul e sudeste do Brasil, destacando-se, a partir de 1824, a primeira colônia fundada por alemães no país, a colônia alemã de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. No final desta década, também por iniciativa imperial, foram fundadas as colônias alemãs em São Pedro de Alcântara e Mafra em Santa Catarina, e em Rio Negro, no Paraná. Além destes grupos situados no sul, também foram criados os núcleos coloniais de Nova Friburgo e Petrópolis, no Rio de Janeiro; de Santo

Amaro, em São Paulo; Santa Isabel e Santa Leopoldina, no Espírito Santo; Teófilo Otoni e Juiz de Fora, em Minas Gerais; e São Jorge dos Ilhéus, na Bahia <sup>101</sup>. A escolha pelas regiões Sul e Sudeste do Brasil se dá pela crise das lavouras tradicionais de cana algodão e tabaco no Norte e Nordeste do país, e a valorização da produção de café no Sudeste e das pequenas propriedades rurais no Sul<sup>102</sup>.

Em relação à composição e localização dos grupos de imigrantes, Gregory aponta que estas “dependiam de agentes na Alemanha, que tinham a tarefa de convencer, organizar e encaminhar, e de receptores brasileiros, que os distribuíam, considerando habilidades, interesses (geo)políticos, econômicos”<sup>103</sup>. Além disso, os primeiros colonos não puderam escolher a província ou o pedaço de terra ao qual seriam destinados. Em muitos casos, o imigrante só conheceria o seu destino após chegar ao Porto do Rio de Janeiro<sup>104</sup>.

Quanto à escolha do destino do imigrante dava-se preferência de acordo com a função que ele viria a exercer. Na porção meridional do país, geralmente, estabeleciam-se os pequenos agricultores que produziam alimentos em seus lotes de terra e estariam vinculados a pequenas colônias. Aqueles que se estabeleceriam em São Paulo, geralmente trabalhariam nas lavouras de café, onde serviriam para diminuir o problema da escassez de mão de obra. Já no Sul, o interesse era povoar regiões de florestas próximas a vales e rios como mecanismo de manutenção de domínios territoriais<sup>105</sup>.

A chegada de grupos pomeranos no Brasil começa a se intensificar apenas no período após 1859, com maior ênfase nas décadas de 1860 e 1870. Pois como já foi exposto anteriormente, o governo prussiano até então se opunha fortemente à emigração de sua população, pelo fato deste movimento acarretar na perda de homens para a composição do exército, e perda de mão de obra abundante e barata. Além disso, o governo também se opunha à emigração ao Brasil devido aos relatos de maus tratos com os imigrantes, principalmente aqueles inseridos no Sistema de Parceria. Neste período, os pomeranos compunham a maioria entre o grupo de alemães que chegavam ao Brasil.

Portanto, durante esse século de imigração alemã para o Brasil, podemos concluir que a adaptação, qualidade de vida ou crescimento econômico do imigrante estava diretamente ligado à região e ao período no qual ele se estabeleceu no país. São muitas as histórias de

---

<sup>101</sup> GREGORY, Valdir. Imigração alemã no Brasil. 2013, p. 12.

<sup>102</sup> Ibidem, JOCHEM, 2002. p. 26.

<sup>103</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>104</sup> Ibidem, RÖLKE, 2016. pp. 143-144.

<sup>105</sup> Ibidem, GREGORY, 2013. p. 15.

sucesso ou superação de colonos alemães no Brasil, bem como as histórias e relatos daqueles que não tiveram a mesma “sorte” de alcançar as expectativas criadas antes de embarcar nos navios em portos alemães rumo ao Brasil, o “Paraíso na Terra”.

### 3.0 O IMAGINÁRIO, AS EXPECTATIVAS, A TRAVESSIA E O ENCONTRO COM A NOVA TERRA

Dem Ersten der Tod  
Dem Zweiten die Not  
Dem Dritten das Brot

For dar airsta dai doud  
For dai tswaita dai nout  
For dai drira dat broud.

Aos primeiros, a morte  
Aos segundos, a necessidade  
Aos terceiros, o pão.<sup>106</sup>

Com este dito popular alemão, adentro o terceiro e último capítulo deste trabalho com o objetivo de elucidar, mesmo que parcialmente, através de alguns provérbios e relatos de imigrantes, como se deu o processo imigratório para o Brasil. Até este momento, pudemos compreender quem eram os pomeranos, qual a história deste povo e as características que os diferem dos outros grupos de alemães. Vimos também, qual a conjuntura social e econômica que os “expulsou” de sua terra natal e os lançou para terras brasileiras, onde mudanças sociais e políticas favoreciam sua fixação.

Toda mudança gera expectativa, e no caso dos pomeranos não foi diferente. Movidos principalmente pela necessidade, eles se lançariam em longas viagens de navio para terras desconhecidas, onde acreditavam que transformariam suas vidas e garantiriam a abundância para suas famílias, afinal, eram essas as promessas que chegavam até eles através de propagandas, agenciadores e empresas colonizadoras.

É necessário destacar que nem todas as informações que chegavam à Europa em relação à imigração para o Brasil eram positivas, e muitas foram as medidas tomadas com

---

<sup>106</sup> Primeira parte escrita em alemão, a segunda na língua pomerana e a terceira é correspondente a tradução em português. Ditado popular alemão. A origem é desconhecida, porém foi e ainda é muito usada para descrever a realidade de quem migra.

cunho de alertar para o descaso com os imigrantes no país. Porém, toda essa contrapropaganda, como destaca Klug, era superada pela propaganda, onde casos de imigrantes bem sucedidos eram amplamente divulgados, e cartas de colonos que possuíam em seu conteúdo este “sucesso” chegavam a ser copiadas de 100 a 1000 vezes para divulgação<sup>107</sup>.

Em meio aos anseios pela mudança, dúvidas e incertezas, nascia a esperança de deixar para trás todas as dificuldades e miséria desta terra “íngrata” que não podia garantir uma vida melhor para os seus filhos. É possível reconhecer todos estes elementos acima citados em pequenos versos escritos por emigrantes nesta época:

“Adeus, tu terra ingrata,  
Nós nos mudaremos para uma outra terra  
Nós emigraremos para o Brasil,  
Apenas as dívidas aqui deixamos.

Nós estamos a procura de uma nova praia,  
Onde encontraremos o ouro como areia,  
Viva, Viva  
Em breve estaremos no Brasil!”<sup>108</sup>

Nota-se aqui, a insatisfação do emigrante com sua terra natal, denominada como “terra ingrata”, onde a única coisa que se acumula são as dívidas, que serão deixadas para trás ao se partir em direção ao Novo Mundo. Nesta nova terra, depositam-se as expectativas de melhoria de suas vidas, quem sabe, até mesmo o enriquecimento fácil, pois nesta nova terra encontra-se tudo que é necessário e de maneira farta.

Apesar de desconhecida aos olhos da maioria dos emigrantes, esta nova terra já havia sido retratada anteriormente por alemães que nela estiveram e que posteriormente publicaram obras descrevendo suas experiências. A primeira obra que se tem conhecimento é o livro “Duas Viagens ao Brasil”<sup>109</sup>, escrito por Hans Staden e publicado em Marburg em 1557,

---

<sup>107</sup> KLUG, 2009, p. 207 Apud GREGORY, 2002, p. 21.

<sup>108</sup> Fliegende Blätter, 1848. (texto original: „Leb' wohl, Du undankbares Vaterland, Wir ziehen in ein anderes Land, Wir wandern nach Brasilia, Nur die Schulden lassen wir da. Wir suchen einen neuen Strand, da finden wir das Gold wie Sand. Hurra, Hurra, Bald sind wir in Brasilia.“ - Material levantado através do Pommersches Landesmuseum, durante estadia na cidade de Greifswald, em 2017. Tradução aproximada da pesquisadora)

<sup>109</sup> Título Original da obra: “História Verdídica e descrição de uma terra de selvagens, nus e cruéis comedores de seres humanos, situada no Novo Mundo da América, desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas terras de Hessen até os dois últimos anos, visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a conheceu por experiência

neste livro o autor descreve suas experiências no Brasil, seu aprisionamento entre os índios Tupinambá e sua posterior fuga para a Alemanha. Mais de 50 edições foram feitas desta narrativa, o que prova que ela foi amplamente lida não apenas dentro dos Estados Alemães, como também em toda a Europa através de várias traduções.

A época da ocupação holandesa no nordeste brasileiro também deixou rastros literários importantes, como a obra “*Historia Naturalis Brasiliae*”, do médico holandês Guilherme Piso, do geógrafo alemão Georg Markgraf e do pintor holandês Albert van der Eckhout<sup>110</sup>, publicado no ano de 1648. A obra, encomendada e dedicada ao Conde Maurício de Nassau, é considerada a primeira obra científica a retratar através de pinturas e da narrativa, a fauna e a flora brasileira, os males da terra, além dos indígenas e animais exóticos. Apesar de a obra abranger principalmente o nordeste brasileiro, ela possui valor histórico, documental e etnográfico inestimável tanto para a época, quanto para os dias atuais<sup>111</sup>.

Entre os pomeranos a estudar as terras da América do Sul, destaca-se Alexander von Humboldt (1769-1859), o famoso sábio que comandou a primeira pesquisa sobre a América do Sul e abriu os olhos do mundo para este continente, o qual ele acreditava possuir um futuro promissor pela frente<sup>112</sup>.

Pode-se dizer que as obras destes autores inspiraram a imaginação de inúmeras pessoas e viajantes a respeito do que é o Brasil e “abriram caminho” para posteriores obras e relatos destes viajantes alemães<sup>113</sup>. É possível notar que esta onda literária ganha força principalmente após a transferência da Corte para o Brasil, no século XIX, quando o país se abre para a imigração estrangeira. Muitos das obras destes viajantes são analisadas por Lilian de Abreu Pessoa em sua tese “A imagem do Brasil na literatura de viagem alemã do século XIX” na qual ela analisa viajantes de profissões e objetivos diversos, através de cinco textos-chave. São eles, o texto do artista – Viagem pitoresca através do Brasil (**Malerische Reise in Brasilien**) (1835) de Moritz Rugendas; o texto do aventureiro – Dez anos no Brasil (**Zehn Jahre in Brasilien**) (1835) de Carl Seidler; o texto do cientista – Viagem ao Brasil (**Reise**

---

própria, e que agora traz a público com essa impressão”. A obra original redigida em alemão pode ser acessada em: <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e4/True\\_History\\_and\\_Description\\_of\\_a\\_Country\\_in\\_America%2C\\_whose\\_Inhabitants\\_are\\_Savage%2C\\_Naked%2C\\_Very\\_Godless\\_and\\_Cruel\\_ManEaters\\_WDL4069.pdf](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e4/True_History_and_Description_of_a_Country_in_America%2C_whose_Inhabitants_are_Savage%2C_Naked%2C_Very_Godless_and_Cruel_ManEaters_WDL4069.pdf)> Acesso em junho de 2018.

<sup>110</sup>Ver mais sobre sua biografia e a importância de suas obras em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10299/albert-eckhout>> Acesso em: Maio de 2018.

<sup>111</sup> STUTZER, Therese. Marie Luise. Organização, tradução e introdução: Valburga Huber. Blumenau: Cultura em Movimento, 2010. pp. 6-7.

<sup>112</sup> Ibidem, GRANZOW, 2009. p. 165.

<sup>113</sup> No caso dos imigrantes, o conhecimento a respeito do Brasil chegava principalmente através de propagandas feitas pelos agentes e através dos jornais. Devido à grande taxa de analfabetismo do período, as informações se dissipavam principalmente de forma oral.

**nach Brasilien**) (1853) de Hermann Burmeister; o texto do colono – Memórias de um colono no Brasil (**Die Behandlung der Kolonisten in der Provinz São Paulo in Brasilien**) (1858)- de Thomas Davatz e o texto de propaganda O que Jorge conta sobre o Brasil (**Was Georg seinen deutschen Landsleute über Brasilien zu erzählen weiss**) 1863), de Joseph Hoermeyer<sup>114</sup>.

Todos esses viajantes possuem em comum em sua narrativa o fascínio pela natureza brasileira, com sua vegetação variada, animais selvagens e exóticos, imensas florestas com sua fauna e flora de valor inestimável. Estas imagens transmitidas através da literatura, de relatos de viajantes ou familiares e de propagandas em jornais locais alcançaram o imaginário dos imigrantes, que escreviam:

“Para o Brasil, para o Brasil!  
Meus sentimentos agora me levam,  
Para onde há vagalumes saltitantes,  
E jacarés ameaçadores,  
Onde ousados mandrís  
Pulam em meio a plantas raras  
Para lá, meu velho, deixe me ir”!

“Quem mais uma vez quiser viver feliz,  
Este precisa partir para a jornada ao Brasil.”<sup>115</sup>

A ideia de encontrar o “paraíso na terra” e de nele prosperar economicamente de maneira fácil e rápida, fez parte da primeira fase da imigração, em que os emigrantes estavam quase que totalmente à mercê de agenciadores e aliciadores. Nesta fase, imigrantes chegavam ao Brasil certos de que receberiam casas, ainda que provisórias, mas que poderiam imediatamente trabalhar e semear em suas terras para a tão sonhada colheita da prosperidade, para a tão sonhada vida feliz.

---

<sup>114</sup> STUTZER, Therese. 2010, apud PESSOA, Lilian de Abreu – *A imagem do Brasil na literatura de viagem alemã do século XIX*. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH-USP, 1991.

<sup>115</sup> Fliegende Blätter, 1848. (textos originais: „Nach Brasilien, nach Brasilien! Reissen mich jetzt die Gefühlingen, Wo der Käfer leuchtend hüpfet, Wo sich bäumt der Krokodile, Wo verwegen der Mandrile Durch die seltenen Pflanzen schlüpft Dahin, Alter, lass mich ziehn!“ \*\*\*Wer noch einmal will glücklich leben, Der muß sich auf die Reis‘ nach Brasilia begeben.“ - Material levantado através do Pommersches Landesmuseum, durante estadia na cidade de Greifswald, em 2017. Tradução aproximada da pesquisadora)

### 3.1 A Travessia

Depois de tomada a decisão, iniciava-se o período de desafios entre deixar sua cidade ou vilarejo e dirigir-se até os portos, onde estavam ancorados navios como o Humboldt para o transporte destes passageiros. Neste percurso, aqueles poucos que possuíam algum recurso financeiro “sobrando” estavam sujeitos a cair nas mãos de aproveitadores, pois esta era uma corrente em que todos lucravam, exceto o emigrante. Como destaca Rölke<sup>116</sup>:

Lucrava o agenciador, lucravam os funcionários do porto, lucrava o dono da embarcação, lucrava o comandante da embarcação. Este, frise-se, lucrava quando permitia que partissem em sua embarcação mais pessoas do que comportava o espaço físico, fazendo com que os emigrantes tivessem que viver literalmente empoleirados durante a viagem.

Muitos emigrantes não tinham muitas informações precisas sobre o lugar onde seriam destinados, apenas que estavam indo para o Brasil. Aos agenciadores, lhes importava fazer com que os emigrantes acreditassem estar partindo para terras fartas e bem localizadas, férteis e com um clima bastante propício, onde a produção de gêneros alimentícios não seria problema. Para estas pessoas, o nome “América” simbolizava salvação e redenção de uma situação calamitosa que se vivia na Pomerânia<sup>117</sup>.

A maior parte desta gente, nada tinha a perder em sua Pátria, e não tinham nem mesmo o suficiente para pagar o transporte até as cidades portuárias. Muitos, entretanto, calculavam assim: “Tu te arranjarás com os teus até lá, mesmo que tenhas que passar fome ou cede. Uma vez lá chegando, serás duplamente pago. O Brasil é rico e o governo prometeu tudo de bom e certamente saberá manter a palavra.”<sup>118</sup> Chegando às cidades portuárias e deparando-se com a realidade da vida nos portos, muitos emigrantes já começavam a temer por seu futuro. Instaurava-se um clima de incertezas e desconfianças, onde informações recebidas por agenciadores não eram compatíveis com a realidade que se estabelecia.

Matthias Schmitz, um alemão de Moritzheim, na região do Hunsrück, que juntamente com seus pais e outros imigrantes deixaram sua cidade natal para estabelecer-se na Colônia

---

<sup>116</sup> Ibidem, Rölke, 2016. p. 282.

<sup>117</sup> Ibidem, Rölke, 2016. p. 283.

<sup>118</sup> <sup>118</sup> Matthias Schmitz, nascido em 04/01/1826 em Loeffelscheidt, Alemanha. Para ter acesso ao conteúdo traduzido do rico material por ele escrito, acessar: <<http://www.cruiser.com.br/familiasens/Biblioteca/DIARIO%20DO%20IMIGRANTE%20MATHIAS%20SCHMITZ.pdf>> \Originalmente publicado em Blumenau em Cadernos, Tomo VII n° 12.

Santa Isabel, no ano de 1847, descreve todo o processo migratório vivido por eles em seu diário, que possui um inestimável valor histórico. Schmitz narra os acontecimentos desde a forma como foram convencidos a migrar, as promessas feitas por agenciadores que vendiam a imagem do Brasil como paraíso terreal, o processo de deixar a cidade natal e partir para as cidades portuárias e a difícil realidade encontrada nestes lugares, até a difícil travessia e o encontro com o “Novo Mundo” e o encaminhamento para a Colônia, que não aconteceu de maneira muito fácil também.

Schmitz destaca toda a dificuldade da travessia, das enfermidades e mortes a bordo, da falta de mantimentos e o descaso total com os passageiros. Como sabemos este não foi um caso isolado, e situações como estas se repetiam constantemente. Abaixo trago o que podemos chamar de “cenário de expectativa” e “cenário real” do que se trata do funcionamento e rotina a bordo do navio Humboldt, através do qual vários pomeranos chegaram ao Brasil. A primeira parte, trata-se da promessa de uma alimentação farta para todos os passageiros, além da garantia de medicações e cuidados especiais para os possíveis enfermos a bordo, tudo a cargo da empresa Wilh. Hühn & Co.

“Tarefa de cuidados para a segunda cabine e convés intermediário:

Domingo: ½ Libra<sup>119</sup> de carne de gado; sopa de ameixa; bolinho de farinha.

Segunda: ½ Libra de carne de porco; sopa de lentilhas ou salada de repolho.

Terça: ½ Libra de carne de porco; legumes ou salada de repolho.

Quarta: ½ Libra de carne de gado; sopa de ameixa; bolinho de farinha.

Quinta: ½ Libra de carne de gado; grãos de cevada ou lentilha.

Sexta: ½ Libra de carne de gado; sopa de lentilhas ou salada de repolho.

Sábado: Peixe; lentilha ou outro; legumes.

Nas manhãs será servido café e a noite chá. Será distribuído semanalmente para cada passageiro: 8 colheres cheias de açúcar, 16 colheres cheias de manteiga ou banha, 5 libras de pão. Batatas serão

---

<sup>119</sup> ½ Libra equivale a aproximadamente 0,226 kg.

levadas de acordo com a estação do ano. Água potável terá em qualidade e quantidade suficiente, assim como o sal, pimenta, vinagre, etc. Enfermos recebem medicamentos grátis da farmácia do navio, assim como uma alimentação mais leve, como vinho, açúcar, sagu, gelatina, etc...

Serão selecionados alimentos da melhor qualidade, fortes e nutritivos, serão bem preparados e suficiente cozidos. Naturalmente, deve ser deixado ao capitão para fazer alterações na ordem, conforme as circunstâncias permitirem.”<sup>120</sup>

Estas eram as promessas feitas pela agência, e a propaganda fez com que se acreditasse tratar de uma viagem de travessia tranquila, onde os impasses portuários seriam esquecidos e onde ninguém precisaria se preocupar com a fome ou enfermidades. Mas mais uma vez, estavam enganados:

“O ‘Humboldt’, foi um navio ocupado por 300 pessoas. Os passageiros estavam muito mal. A água estava acabando, e por fim acabou criando vermes. Então acabou a comida, pois ventos impetuosos estenderam a duração da viagem. As frações eram cada vez menores. Por fim, só era mais servido escabeche, a grande sede aumentava. Durante esta viagem muitos morreram. Os corpos eram costurados em sacos e jogados ao mar. O grande sofrimento os

---

<sup>120</sup> Documento informativo a respeito de bagagens e passageiros de Hamburgo para o Sul do Brasil, de Wilh. Hühn & Co. obrigkeitlich concessionirte Auswanderer-Expedienten 1860. (Texto original: 1. Verpflegungsaufgabe, für die zweite Kajüte und das Zwischendeck. Sonntag. ½ Pf. Ochsenfleisch; Pflaumensuppe; Mehlspeise. Montag. ½ Pf. Schweinefleisch; Erbsensuppe oder Sauerkohl. Dienstag. ½ Pf. Ochsenfleisch; Graupen oder Linsen. Mittwoch. ½ Pf. Ochsenfleisch; Pflaumensuppe; Mehlspeise. Donnerstag. ½ Pf. Schweinefleisch; Hülsenfrüchte oder Sauerkohl. Freitag. ½ Pf. Ochsenfleisch; Erbsensuppe oder Sauerkohl. Sonnabend. Häringe oder Fische; Linsen oder anderes Gemüse. Morgens wird Kaffee, Abends Thee gereicht. Für den vollen Passagier wird wöchentlich gegeben: 8 Loth Zucker; 16 Loth Butter oder Schmalz; 5 Pfund Brod. Kartoffeln werden nach der Jahreszeit mitgenommen. Trinkwasser wird in hinreichender Qualität gegeben ebenso Salz, Pfeffer, Essig ec. Kranke erhalten aus der Schiffs-Apotheke Medicamente gratis; auch erhalten dieselben die ihnen dienlichen leichten Speisen, als Wein, Zucker, Sago, Grütze ec. <<< dieser Abschnitt evtl. unten bei ‚Krankheit und Tod‘ Die Speisen werden von bester Qualität genommen, sind kräftig und nahrhaft, werden gut zubereitet und gekocht gereicht. Natürlich muß es dem Capitain vorbehalten bleiben, etwa durch die Umstände gebotene Aenderungen in der Reihenfolge zu machen. Informationsschrift für Paquet- und Passagierfahrt von Hamburg nach Südbrasilien von Wilh. Hühn & Co., obrigkeitlich concessionirte Auswanderer-Expedienten 1860. – Material levantado através do Pommersches Landesmuseum, durante estadia na cidade de Greifswald, em 2017. Tradução aproximada da pesquisadora)

emigrantes deu ao navio Humboldt o novo nome de ‘Lugar da Fome’.”<sup>121</sup>

Mais relatos sobre a travessia no Humboldt são encontrados no livro “Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul”, onde o autor Klaus Granzow<sup>122</sup> conversa pessoalmente com imigrantes que vieram a bordo deste navio. Ambas as entrevistadas, a senhora Tietz e a senhora Dummer, relatam que perderam seus irmãos mais novos durante a travessia, e que a certo ponto a morte havia tornado-se tão “comum” que não havia uma grande preocupação para desfazer-se dos corpos, que eram simplesmente colocados em sacos e jogados ao mar. Além da morte, outro sofrimento que passaram durante este percurso, foi a fome, que fez com que os passageiros renomeassem o navio para “Lugar da Fome”<sup>123</sup>.

Claro que nem todas as travessias feitas pelo navio Humboldt ou por outros navios que aportaram no Brasil foram tão sofridas e conturbadas quanto esta. Outras foram mais tranquilas e pouco foram mencionadas em relatos dos imigrantes. Porém, independente do percurso até as cidades portuárias e a travessia ter sido mais tranquila ou repleta de dificuldades, o que estava por vir gerava ainda mais expectativas. Era o estágio final, era o tão esperado encontro com a “Nova Terra”, e no imaginário destas pessoas, o tão sonhado lote de terra onde poderiam prosperar e ter acesso a recursos que a sua terra natal não pôde mais lhes oferecer, era conhecer a bela e exótica natureza brasileira, e era finalmente possuir tudo aquilo que eles haviam ouvido falar através de cartas, de propagandas em jornais ou na fala dos agenciadores.

### 3.2 Principais Núcleos de Imigrantes Pomeranos no Brasil

---

<sup>121</sup> Relato de uma viagem do navio “Humboldt”, da Companhia Colonizadora Hanseática 1874-1878, para o Brasil. ( Texto original: „Die ‚Humboldt‘ war ein Segelschiff, mit 300 Personen besetzt. Den Passagieren ging es sehr schlecht. Das Wasser ging zur Neige, es enthielt zuletzt Würmer. Dann ging das Essen aus, weil widrige Winde die Fahrt verzögerten. Die Zuteilungen wurden immer kleiner. Es gab zuletzt nur mehr Pökelfleisch, das großen Durst erregte. Während dieser Fahrt sind viele gestorben. Die Leichen wurden in Säcke genäht und ins Meer versenkt. Die schwer leidenden Auswanderer gaben dem Schiff ‚Humboldt‘ den neuen Namen ‚Hungerboldt‘.“ – Material levantado através do Pommersches Landesmuseum, durante estadia na cidade de Greifswald, em 2017. Tradução aproximada da pesquisadora)

<sup>122</sup> Klaus Granzow (1927-1986) era jornalista e dedicou sua vida na tentativa de resgatar os valores culturais e humanos da Pomerânia. Percorreu países onde viviam descendentes de pomeranos, e em sua passagem pelo Brasil, visitou o Espírito Santo, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul. Destas viagens escreveu três livros: "Estradas Pomeranas - die Strasse der Pommern", "Grün ist das Tal am Rio Itajai" (Verde é o Vale do Rio Itajai) e Pomeranos unter dem Kreuz des Südens (Pomeranos sob a Cruz do Sul).

<sup>123</sup> Ibidem, GRANZOW, pp. 169-170.

Como já mencionei anteriormente, um dos maiores desafios com o qual nos deparamos ao estudar a imigração pomerana, é que por vezes ela acaba sendo inserida de maneira muito generalizada dentro dos estudos sobre imigração alemã como um todo. Não atentar ao fato da unificação política dos Estados Alemães ter ocorrido apenas no ano de 1871, e tratar todos os emigrantes destes Estados como “alemães” sem levar em conta seu local de origem, é, de certa forma, negligenciar e ignorar a diversidade cultural existente entre os tantos grupos que migraram. Este problema tem suas raízes no momento da chegada destes imigrantes, que ao serem registrados pelas autoridades brasileiras, tendiam a ser registrados simplesmente como “alemães” devido à língua na qual se expressavam. Sobre este problema, Neide A. Fiori escreve:

Assim, compreende-se que, nos primeiros tempos, os colonos fossem percebidos (pelo povo e até pelas autoridades) mais a partir de um sentido cultural de nacionalidade, melhor dizendo, linguístico. Assim, se o imigrante falava alemão (ou dialeto), os dados sobre sua nacionalidade tendiam a ser registradas, pelas autoridades brasileiras, simplesmente como “alemão”. Esse aspecto, acrescido da tradicional carência de informações referentes à entrada de imigrantes no país, vai gerar uma questão ainda atual: ao fazer-se uma pesquisa histórica, há dificuldades em identificar, de forma mais específica, a origem dos imigrantes teutos que entraram em terras brasileiras”<sup>124</sup>

Os pomeranos vislumbravam construir além-mar uma “nação livre” para onde pudessem transportar todos os elementos de sua rica cultura. No Brasil, os pomeranos estabeleceram-se principalmente em três estados, sendo eles o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo, onde construíram comunidades baseadas principalmente na agricultura familiar e na policultura. Aqui, foram enviados para terras de difícil acesso, e por serem geralmente isoladas de outros núcleos de povoamento, acabou sendo o isolamento geográfico um fator de fortalecimento étnico destes grupos <sup>125</sup>.

Esta consciência étnica coletiva construiu uma sociedade totalmente a parte da sociedade nacional. As decisões a serem tomadas, independente de seu teor, deveriam necessariamente passar antes pelo crivo de toda a comunidade.

Entre as colônias alemãs fundadas no Rio Grande do Sul, a Colônia de São Lourenço, fundada no ano de 1858 por Jacob Rheingantz, foi a que mais recebeu imigrantes pomeranos. Rheingantz beneficiou-se com a Lei de Terras de 1854 para adquirir 52 mil hectares de terra devoluta, a qual ele pretendia colonizar com 1440 famílias dentro do período de cinco anos.

---

<sup>124</sup> FIORI, Neide Almeida. A Política Imigratória Brasileira, Mecanismos de Recrutamento, Reações da Sociedade Brasileira Ante os Colonos Alemães, em Geral, Especificamente os Pomeranos. (s.d.) p. 4

<sup>125</sup> KLUG, João. O Brasil Alemão, (s.p. e s.d.)

Em seu discurso, manifestava-se a visão romântica de possibilitar a seus conterrâneos melhores condições de vida através da emigração, o que na prática mostrou não passar de um projeto ambicioso que visava, acima de tudo, benefício próprio<sup>126</sup>.

Os pomeranos que ali se estabeleceram, estavam cercados pela grande sociedade aristocrática pelotense composta de latifundiários criadores de gado, que os enxergavam como um grupo de gente grosseira, de hábitos rudes, sendo motivo de chacota quando se deslocavam para a cidade<sup>127</sup>. Jean Roche, citado por João Klug, define essa área ocupada por pomeranos como “uma ilha agrícola numa mancha florestal, no meio de uma zona luso-brasileira de pecuária” que, no entanto, beneficiava-se de uma maior facilidade de comunicação com Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre devido ao acesso à navegação pela Lagoa dos Patos<sup>128</sup>.

Destaque para a Colônia de São Lourenço é sua prosperidade econômica. Em suas terras, os colonos plantavam um pouco de cada artigo, destacando-se a batata, seguido do feijão, milho, manteiga, carnes defumadas, banha, ovos, aves, lenha, que eram comercializados em Pelotas e Rio Grande. Dada a ausência do Estado na administração da Colônia, a administração era organizada internamente, e as decisões eram tomadas através da reunião dos representantes dos colonos juntamente com o Diretor. Esta característica fazia de cada comunidade um grupo autônomo em busca de soluções coletivas para problemas comuns<sup>129</sup>.

A Lei de Terras e a questão de terras devolutas, também beneficiou o empresário Hermann Blumenau, fundador da Colônia Blumenau em Santa Catarina, no ano de 1860. À medida que a ocupação e povoação da colônia aumentavam, passou a ocorrer a expansão das áreas colonizadas seguindo as margens do Rio Teste, e formando desta forma novos povoados que se estendiam até Teste Alto, Teste Central e Teste Baixo, colonizados em sua maioria por imigrantes pomeranos. Esta região formaria mais tarde o atual município de Pomerode, localizado a 33 quilômetros de distância de Blumenau<sup>130</sup>.

O território que abrange Pomerode atualmente foi colonizado principalmente por pomeranos vindos do distrito de Belgard, das aldeias de Pollnow, Bulgrin, Varzin,

---

<sup>126</sup> Ibidem, (s.p.)

<sup>127</sup> KLUG, João. Os pomeranos no Rio Grande do Sul. pp. 1-2.

<sup>128</sup> ROCHE, Jean. A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul. 1969, p. 179. Apud, KLUG, João. Os pomeranos no Rio Grande do Sul. p. 2.

<sup>129</sup> Ibidem, p. 6.

<sup>130</sup> FIORI, Neide Almeida. Os Pomeranos em Santa Catarina. (s.d) p. 1.

Quisbernow e Belz, e do distrito de Regenwalde, das aldeias de Teschendorf e Jarchlin. A última leva de imigrantes pomeranos a se estabelecerem nesta região data de 1880<sup>131</sup>.

Apesar de localizar-se relativamente perto, a questão geográfica desta região dificultava a comunicação com a sede Blumenau, gerando o isolamento destes imigrantes que dificilmente recebiam atendimentos de serviços públicos da sede.

Neide A. Fiori, com base na obra de Luciana Altmann<sup>132</sup>, aponta que quando a família chegava a Colônia, recebia sementes e ferramentas para o trabalho, em seguida dirigiam-se ao lote de terra que lhes foi destinado e que deveria ser pago ao longo dos anos. Neste ponto, começava a ser desconstruída a imagem de paraíso ao se depararem com matas fechadas, habitat de animais exóticos e peçonhentos, além de ser espaço do povo indígena Xoklêng, que poderia atacar caso se sentisse ameaçado. Segundo depoimento de descendentes destes imigrantes, a situação inicial era precária, “não tinham assistência de médicos, de parteiras, enfim, só contavam com eles. O que havia sido divulgado nos folhetos de colonização não correspondia à realidade com a qual se depararam”.<sup>133</sup>

Este isolamento geográfico promoveu a necessidade de uma organização comunitária e cooperativismo entre os imigrantes da Colônia Pomerode. Já não importava mais a origem geográfica ou as fronteiras políticas de onde estes imigrantes tinham vindo, pois o que cada imigrante aos poucos foi aprendendo, é que para sobreviver e prosperar o mais importante era construir um novo sentimento de comunidade e união<sup>134</sup>.

No Espírito Santo, a partir de 1846, o governo brasileiro decide criar colônias para receber imigrantes europeus. Uma delas se estabelece em Santa Isabel, no ano de 1847, a outra é a Colônia de Santa Maria, desde o ano de 1867 conhecida como Santa Leopoldina. Na listagem de imigrantes de julho de 1859, feitas pelas autoridades alfandegárias, o senhor Guilherme Beilke aparece como o primeiro pomerano a estabelecer-se no Espírito Santo. Isso acontecia, pois os funcionários não detalhavam de que parte da Prússia vinham os imigrantes, apenas os classificavam como prussianos<sup>135</sup>.

A partir do ano de 1870, as autoridades passam a ter maior cuidado ao detalhar a origem dos imigrantes que chegavam às terras capixabas. Nos anos de 1872 e 1873, são registrados 2.142 pomeranos, que se estabelecem em volta de Santa Maria do Jetibá e

---

<sup>131</sup> *Ibidem*, p. 2.

<sup>132</sup> ALTMANN, Luciana. 500 Anos de Pomerode: histórias de vida de sete personagens. s.n.t. p. 21-23.

<sup>133</sup> ALTMANN, Luciana (s.d) Apud, FIORI, Neide Almeida Os Pomeranos em Santa Catarina. (s.d) p. 3.

<sup>134</sup> *Ibidem*, p. 3.

<sup>135</sup> *Ibidem*, RÖLKE, 1996. p. 91.

Jequitibá<sup>136</sup>. O grupo era composto em sua maioria por trabalhadores rurais diaristas e membros de classes trabalhadoras das áreas urbanas, que melhor vivenciaram o processo de transformação da estrutura fundiária nos Estados Alemães<sup>137</sup>. O problema é que, devido a maioria dos imigrantes terem sido diaristas na Pomerânia, eles pouco entendiam do trabalho no campo num país tropical e muito menos possuíam um ofício profissional<sup>138</sup>.

As colônias foram edificadas nos dois vales superiores do Rio Jucu e Santa Maria da Vitória, localizados na área montanhosa, em grandes extensões de terras altas, com altitudes que variam de 300 a 1.000 metros, na região centro-serrana do Espírito Santo. Atualmente, as antigas colônias Santa Isabel e Santa Leopoldina, são formadas pelos municípios de Domingos Martins, Santa Leopoldina e Santa Maria do Jetibá, sendo que os descendentes de pomeranos deste último município se consideram, e são considerados por outros, os “mais pomeranos” do estado e do país, pois mantiveram desde 1870 a maior parte de seus costumes e tradições, como poderemos ver a seguir<sup>139</sup>.

### 3.3 Cultura Pomerana e Tradições que se Mantiveram Através dos Séculos

O que caracteriza o povo pomerano e o diferencia dos demais grupos de alemães certamente é a sua cultura e tradições que remontam a época dos wendes e que mantiveram-se mesmo após o processo de cristianização, que assimilou certas crenças e acrescentou novos elementos, como por exemplo, a imagem do Demônio.

Helmar Rölke, o pastor capixaba que dedicou sua vida à devoção religiosa e a estudar os pomeranos, traz em suas duas obras, “*Descobrendo raízes: aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia*”, do ano de 1996, e “*Raízes da imigração alemã: História e cultura alemã no estado do Espírito Santo*”, do ano de 2016, informações de grande valor histórico e, difíceis de serem encontradas, no que se refere ao estudo da cultura, crenças e costumes do povo pomerano. Nos próximos parágrafos tentarei elucidar um pouco destas crenças que envolvem feitiçarias, encantos, magias e simpatias que marcam a vida do pomerano antes mesmo de ele nascer.

---

<sup>136</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. p. 92.

<sup>137</sup> BAHIA, Joana D. V. Canaã, a Terra Prometida. In: Delma Pessanha. (Org.). A História Social do Campesinato Brasileiro. 1ed pp. 112-114.

<sup>138</sup> Ibidem, GRANZOW, 2009. p. 43.

<sup>139</sup> Ibidem, BAHIA. Canaã, a Terra Prometida, p. 114.

Ainda na gravidez, a mulher não pode escutar conversar ou espiar através da fechadura de uma porta, pois se o fizer a criança pode nascer vesga. Quando nasce uma menina, ela deve ser enrolada em uma camisa masculina, para assegurar o casamento quando for adulta. O tempo de maior perigo para a criança cessa, quando a mãe vai com ela ao culto pela primeira vez, geralmente por volta da sexta semana após o nascimento. A escolha dos padrinhos também é muito importante, pois crê-se que as virtudes da pessoa transferem-se para a criança. Quando ela completa um ano de vida, coloca-se em sua frente um pedaço de pão, uma moeda e um livro. O objeto que ela optar por primeiro simboliza o que ela terá em abundância quando for adulta<sup>140</sup>.

Quando o corpo adocece, se acredita que a doença chegou até a pessoa através de um espírito maligno que chegam pelo ar, ou até mesmo através do “mau olhar”<sup>141</sup>. Mas, se a doença vem de forma mágica, ela também deve ser combatida de forma mágica. Esta concepção se faz presente até hoje, e acredita-se que doenças em pessoas e animais podem ser curadas ou evitadas através de atos mágicos, simpatias e encantamentos, que eram passados de geração em geração através da oralidade ou escritos manuais. As fórmulas mágicas de cura nunca podiam ser impressas em livros, pois ao se tornarem de domínio público o diabo também teria acesso a elas, podendo anular a cura e o poder mágico do rezador<sup>142</sup>.

Uma das características dos pomeranos sempre foi a consciência de coletividade oriunda da luta pela sobrevivência, este povo costumava realizar muitos trabalhos em mutirão. Dividia-se tarefas e tempos difíceis eram vencidos em grupo. E se nas dificuldades valia o trabalho em grupo, então nas festas não poderia ser diferente. Sendo uma das marcas das festas dos pomeranos a abundância de comida e bebida alcoólica, independente da condição social. Além claro, da presença de muitos convidados<sup>143</sup>.

Especial cuidado merece a época do Natal e Ano Novo, principalmente entre os dias 24 de Dezembro e 06 de Janeiro, pois os ventos fortes e frios que sopram do leste<sup>144</sup>, estariam trazendo poderes demoníacos e fantasmas, dos quais eles deveriam se proteger. Mas é também neste período que familiares já falecidos poderiam retornar do reino da morte para fazer uma visita, para isso, em algumas regiões se reservava uma cadeira na sala, sobre a qual ninguém poderia sentar-se durante a época do natal. E para afugentar os maus espíritos que

---

<sup>140</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. pp. 47-49.

<sup>141</sup> Após o processo de cristianização, esta ideia de origem wende, é substituída pela ideia do diabo como causador dos males.

<sup>142</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. pp. 51-52.

<sup>143</sup> Ibidem, pp. 56-57.

<sup>144</sup> Principalmente na Pomerânia Oriental onde o inverno era mais rigoroso.

poderiam ser trazidos pelo vento, costumava-se soltar muitos fogos no último dia do ano, pois o barulho os afugentaria e garantiria um ano novo mais protegido destes espíritos que prejudicam a vida e podem trazer doenças<sup>145</sup>.

Bastante interessante também, é a relação do pomerano com seus animais, pois um depende do outro para sobreviver. Assim, quando o colono morre, os animais pertencentes à sua propriedade são avisados de sua morte. E durante as festas que ocorrem no ano, também o gado recebe uma ração melhor. Na passagem do ano, dava-se aguardente para os galos, pois assim como o ser humano, eles também tinham o direito de se alegrar com um bom trago.

Antes de a primavera chegar, costumava-se cortar galhos de bétula<sup>146</sup> para as crianças. Estes galhos eram colocados em recipientes com água, e quando começassem a brotar, significava que a Páscoa havia chegado. Estes galhos simbolizavam o renascimento, pois de um galho aparentemente morto brotava a vida, assim como Cristo ressurgiu da morte, simbolizado pela Páscoa. De grande importância também, era a “*Osterwoter*”, a “água de páscoa”, que deveria ser recolhida do córrego ou rio no dia da Páscoa antes do sol nascer. Alguns cuidados deveriam ser tomados, como por exemplo, pegar a água contra a correnteza, numa direção que apontasse para o sol que iria nascer logo depois. Além disso, o trabalho deveria ser feito por moças, que desde a retirada da água do rio até chegarem em casa não poderiam conversar ou rir. Caso estes cuidados não fossem tomados, a água perderia seu encanto que trazia beleza para as meninas e saúde para a família<sup>147</sup>.

O casamento é sem dúvida a maior e mais rica festa para os pomeranos. A época preferida para casar era a primavera ou o outono, de preferência após a colheita para garantir a fartura. Quanto aos dias, dava-se preferência para casar-se na sexta, pois assim a festa poderia ser emendada até o domingo. Após anunciar o casamento na igreja, entrava a função do “*Hochtiedsbirrer*”, aquele que visita casa por casa convidando para o casamento. Geralmente era função do irmão solteiro da noiva, que se vestia com seu melhor terno e colocava um chapéu enfeitado com flores e fitas coloridas. As famílias esperavam em frente as casas o convite para o casamento, que era feito em forma de versos, na língua alemã ou pomerana. Após recitado o convite, a família oferece um pequeno presente ao rapaz, consistia de dinheiro, frutas secas e um trago de aguardente. Em alguns casos, o “*Hochtiedsbirrer*”

---

<sup>145</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. pp. 57-59.

<sup>146</sup> Bétula é uma árvore de tronco claro e de galhada fina e comprida, com folhagem delicada.

<sup>147</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. pp. 61-62.

conseguia visitar apenas algumas poucas famílias por dia, pois os tragos de aguardente o deixavam incapacitado de recitar os versos<sup>148</sup>.

Um dia antes da cerimônia, acontece o “*Polterowend*”, a quebra de louças, que remonta desde antes da cristianização, quando se tentava afugentar os maus espíritos através de barulho e algazarra. Não se podia quebrar vidro, pois o vidro simbolizava sorte. As louças eram arremessadas contra a porta da casa por um grupo de convidados, e os noivos ficam responsáveis pela limpeza dos cacos que devem ser enterrados no quintal da casa. O trabalho deve ser feito antes da manhã do casamento e deve ser feito em conjunto, pois simboliza a paz matrimonial<sup>149</sup>.

A carne de galinha é um elemento que não pode faltar durante a festa. A galinha solta no pátio simboliza através do seu cacarejar a presença de coisas estranhas, portanto, ao ingerir carne de galinha na festa de casamento, significava que todos os que estavam presentes interiorizavam a percepção da galinha de denunciar elementos estranhos que pudessem se aproximar do casamento<sup>150</sup>.

Até o ano de 1900, a noiva casava-se num vestido de seda preta, que simbolizava respeito diante da celebração na igreja. Elas também costumavam esconder sementes de endro ou cominho no sapato, para dizerem em voz baixa durante a troca de alianças:

“Eu piso em cominho e endro,  
quando eu falo, você cala.”

Estes versos garantiriam à mulher ter voz e vez no matrimônio. Caso uma aliança caísse durante a celebração, deveria se observar a quem ela pertence, pois seria o primeiro a falecer<sup>151</sup>.

A refeição principal consiste de uma sopa de galinha, algum tipo de carne de peixe, assado de carne de boi e porco, carne de galinha ou ganso, arroz doce com canela, sopa doce com ameixa seca. Tudo acompanhado de bastante bebidas alcólicas. Após a farta refeição, os jovens dançavam e os homens se divertiam jogando baralho. A última dança da noite, quase raiando o dia, era a “*Bäsendanz*”, a “dança da vassoura”, quem não conseguisse um parceiro ou parceira para dançar, dançava com a vassoura<sup>152</sup>.

---

<sup>148</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. pp. 66-68.

<sup>149</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. p. 69.

<sup>150</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. p. 70.

<sup>151</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. pp. 71-72.

<sup>152</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. pp. 72-74.

Se a festa acontecia na sexta-feira, descansava-se no sábado e reunia-se no domingo para comer e beber os restos que sobraram da sexta. Caso houvesse culto no domingo, a festa continuava no sábado, pois era importante que o jovem casal não faltasse ao culto. Na terça-feira seguinte ao casamento, acontecia a mudança da jovem para a casa de seus sogros<sup>153</sup>.

Outras importantes festas ao longo do ano eram Pentecostes, a Festa da Colheita, para agradecer a colheita anual realizada, e ainda a Festa da Mentira, que era uma mistura de “carnaval” com um festival de brincadeiras e de mentiras.

Finalizando a escrita sobre os tantos costumes, crendices e tradições que aqui coloco de maneira tão simplificada, me resta falar da morte. A morte não era temida pelos pomeranos, que a enxergavam como o caminho natural a ser trilhado por todos os seres. Instantes antes da morte, o pastor era chamado para administrar a Ceia do Senhor e após a oração e os cantos, os olhos do morto deveriam ser fechados, pois em quem caísse o seu olhar, este seria o próximo a morrer. A boca também deveria ser fechada, para que o morto não pudesse chamar ninguém para acompanhá-lo<sup>154</sup>.

Quando falecia o dono da propriedade, todos os animais e árvores deveriam ser avisados. Os animais que estivessem deitados deveriam se levantar e as árvores ser sacudidas, caso contrário, também animais e plantas iriam acompanhar o patrão na morte<sup>155</sup>.

O defunto é vestido com uma mortalha branca e as mangas são amarradas com fitas de cor lilás. Moças solteiras são vestidas com roupas de casamento, recebem véu, grinalda e buquê de flores. Quando morre uma criança, são colocados brinquedos junto do caixão para conseguirem sossego na eternidade. Pescadores recebem redes. E a quase todos os mortos se dá a sua Bíblia e o seu hinário, e por vezes outros objetos de uso pessoal. Quando se tratava de uma pessoa “ruim” ou perversa, elas eram calçadas com botas untadas com óleo de bacalhau e mandava-se pão e aguardente, para que não sofressem tanto os horrores do inferno<sup>156</sup>.

Todo o velório e posterior sepultamento era repleto de cuidados e atenção aos mínimos sinais que pudessem aparecer neste meio tempo, indicando características da próxima pessoa a falecer.

Depois do ato religioso, familiares e amigos se reuniam na casa do falecido para alimentar-se numa farta refeição, e a tristeza vai sendo deixada de lado a medida que se ingere aguardente, no fim, tudo termina em festa.

---

<sup>153</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. pp. 74-75.

<sup>154</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. p. 78.

<sup>155</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. p. 79.

<sup>156</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. p. 80.

Forte também era a crença de que as pessoas poderiam voltar do reino dos mortos por não conseguirem sossego na sepultura, e vários poderiam ser os motivos da falta deste. Com objetivo de evitar estas visitas indesejadas, algumas medidas eram tomadas, como por exemplo, encostar uma vassoura na frente da casa ou pendurar panos molhados na porta de entrada. Mas havia também aqueles mortos, que à noite saíam das sepulturas para arrastar parentes vivos para dentro dela. Acreditava que estas pessoas já nasciam com esta sina, como por exemplo, crianças que nasciam com dentes já carregavam este destino. E para defender-se destes, algumas medidas eram tomadas quando morriam. Colocava-se uma moeda dentro da boca do defunto ou enterrava-se ele de cabeça para baixo, para que ele tivesse que se saciar com areia e terra e não com pessoas. A modalidade extrema para se defender destes “monstros”, era abrir a sepultura, à meia noite, decepar a cabeça e coloca-la entre as pernas do morto. “Matar” duas vezes. Esta prática pôde ser comprovada ainda no ano de 1865<sup>157</sup>.

Até aqui pudemos perceber que grande parte das crendices, rituais e costumes dos pomeranos advém da cultura eslava que deu origem a esse povo, e que, após o processo de cristianização imposto a eles, acontece uma assimilação de valores e costumes cristãos por esta cultura eslava originária. Cria-se, com esta fusão, algo novo, algo que distingue os pomeranos dos demais, e que no século XIX seria transportado para o Brasil através dos imigrantes pomeranos. Sua organização social e o apego às tradições cultivadas na nova pátria são com certeza a contribuição mais rica deste povo na formação da sociedade brasileira<sup>158</sup>.

A organização social e familiar nas colônias com predominância de imigrantes pomeranos é bastante parecida em todos os casos. Baseia-se na imagem do pastor e do pai, no trabalho em mutirão e na reprodução de todas as crenças que fazem parte de seu cotidiano. O papel do homem e da mulher na sociedade pomerana são bem definidos. Enquanto cabe ao homem o trabalho nas lavouras e comercialização dos produtos cultivados, cabem à mulher os cuidados da casa e dos filhos, o preparo da comida e o trato dos animais. Socialmente, o papel da mulher se amplia ainda mais, sendo ela a principal responsável pela reprodução dos costumes e da língua pomerana e alemã no âmbito familiar<sup>159</sup>. Joana Bahia (2000) também destaca a importante função da mulher como parteira. O conhecimento para o ofício era adquirido principalmente através das mulheres mais velhas do grupo, além disso, sempre que possível, elas aperfeiçoavam seu conhecimento com profissionais brasileiros e alemães, mas

---

<sup>157</sup> Ibidem, RÖLKE, 1996. pp. 82-84.

<sup>158</sup> KLUG, João. O cultivo dos costumes. (s.d.) (s.p.)

<sup>159</sup> KLUG, João. O cultivo dos costumes. (s.d.) (s.p.)

nunca deixavam de lado todas as práticas mágicas aprendidas com as mulheres mais velhas para a hora do parto<sup>160</sup>.

Paralelamente à função de parteira, a mulher desenvolve seu trabalho na Land e atividades complementares relacionadas ao conhecimento do saber-fazer na esfera do trabalho e do mágico que adquirem na sua socialização. Muitas costumam os vestidos de noiva, rezam a oração do quebra-louças na ocasião do casamento e realizam os partos e por fim, lavam os mortos<sup>161</sup>.

A presença feminina é mais marcante na esfera mágica, na execução de orações, dos ritos de passagem, na narração de histórias infantis, nas imagens evocadas de fertilidade e boa sorte, e em todas as representações fundamentais da identidade étnica camponesa pomerana. São elas que realizam a maior parte dos ritos que asseguram a fartura e a prosperidade da casa e a garantia da fecundidade no mundo agrário<sup>162</sup>.

Enquanto as mulheres falavam o pomerano e alemão, o homem precisava também aprender o português para poderem comercializar seus produtos nos centros comerciais. Neste caso, a língua pomerana era usada como uma arma para não serem enganados no momento da transação. O dialeto é utilizado mais na intimidade das famílias, em assuntos particulares, em conflitos sociais e também nas práticas mágicas. Os pomeranos não tinham nenhum compromisso com a língua nacional, uma vez que o isolamento geográfico os forçou a construir sozinhos a identidade de suas colônias, praticamente sem interferência do governo brasileiro<sup>163</sup>.

Escola e igreja são as duas instituições que, juntas, dão sustentação para a cultura pomerana ser preservada, e os imigrantes não esperavam iniciativas governamentais para construir suas próprias escolas. A construção desta envolvia praticamente toda a comunidade, onde cada colono contribuía com um valor determinado por lote, em seguida, era determinada uma comissão para a construção da escola, que não levava mais de seis meses para acontecer. Devido à falta de professores, ficavam encarregados os mais letrados, ou até mesmo aqueles incapacitados para o trabalho no campo, para ministrar as aulas<sup>164</sup>.

---

<sup>160</sup> BAHIA, Joana. O Tiro da Bruxa: Identidade, Magia e Religião Entre Camponeses Pomeranos do Estado do Espírito Santo. Rio de Janeiro, 2000. p. 112.

<sup>161</sup> Ibidem, p. 114.

<sup>162</sup> BAHIA, Joana. Canaã, a Terra Prometida. p. 118.

<sup>163</sup> KLUG, João. O cultivo dos costumes. (s.d.) (s.p.)

<sup>164</sup> KLUG, João. O cultivo dos costumes. (s.d.) (s.p.)

Domingo, é o dia de descansar e visitar a igreja, entorno da qual gira a vida social dos pomeranos. Ao lado da igreja geralmente encontrava-se construído um clube, no qual celebram-se bailes, casamentos, batizados e confraternizações. Nas tardes de sábado, os homens sentavam-se em volta das mesas para jogar baralho, um dos passatempos prediletos. As mulheres também se reúnem em grupos informais, onde conversam, fazem artesanato e jogam baralho. Estes encontros acontecem semanalmente na casa de uma das mulheres integrantes do grupo<sup>165</sup>.

Religiosidade também é marca bastante forte entre os pomeranos, e cada imigrante trouxe em sua bagagem uma Bíblia e um hinário para continuar professando sua fé na nova terra. Aqui se depararam com obstáculos para a pregação do protestantismo, pois não sabiam que o país já possuía o catolicismo como religião oficial. A prática protestante era tolerada, porém não incentivada, assim, esbarrava-se com a dificuldade de encontrar pastores para atender os imigrantes. Para resolver o problema, mesmo que de forma precária, assim como no caso dos professores, eram nomeadas as pessoas mais letradas do grupo para assumir a função de pastor<sup>166</sup>.

E deste modo um tanto quanto improvisado, os pomeranos organizavam-se aos poucos e construíam, de certa forma, uma sociedade a par da sociedade brasileira, e neste caso, quanto maior o isolamento geográfico, mais fechadas estas comunidades se tornavam no processo de assimilação da cultura brasileira. Klaus Granzow, em sua passagem pelos principais núcleos de pomeranos no Brasil, descreve seu contato com os descendentes de pomeranos e os costumes que foram mantidos mesmo após já ter se passado mais de um século da chegada dos primeiros imigrantes pomeranos no Brasil. Sua obra foi publicada inicialmente na Alemanha no ano de 1975, sob o título “**Pommeranos Unter Dem Kreuz Des Südens - Deutsche Siedler in Brasilien**”, e traduzido para o português por Selma Braum, sob o título “*Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul*”.

Granzow relata o espanto por ele sentido logo que chegará ao Espírito Santo e dirigia-se para o interior, pois na estrada se deparam com um “*Hochtietsbitter*”, o mensageiro que tem a tarefa de realizar os convites de casamento. O mensageiro não compreendia o português, mas quando questionado em língua pomerana logo respondeu. Ele estava montado em seu cavalo e levava posto um chapéu de palha enfeitado com fitas coloridas. Ele explicou que tradicionalmente deveria estar vestindo um traje preto, mas que as temperaturas estavam

---

<sup>165</sup> KLUG, João. O cultivo dos costumes. (s.d.) (s.p.)

<sup>166</sup> KLUG, João. O cultivo dos costumes. (s.d.) (s.p.)

muito elevadas para isto. Quando solicitado, também recitou o poema preparado no dialeto pomerano para convidar os familiares e amigos ao casamento<sup>167</sup>.

Em outra comunidade de descendentes de pomeranos, Granzow conversa com a senhora Dummer, na época com 96 anos. Ela lhes conta que foi uma das poucas crianças a sobreviver a travessia e a difícil realidade dos primeiros anos na nova terra. Ao ser indagada sobre ir ao médico devido a uma ferida que possuía no pé, ela responde que não é necessário, pois já havia tratado a ferida com uma folha de banana e que havia feito uma reza. O pastor Reinsberg que acompanhava Granzow, então relatou que lutava em vão contra esse hábito da reza para curar os males do corpo, principalmente vindo da parte dos mais velhos. Ele tinha a convicção de que cerca de 90% das crianças que foram batizadas já haviam recebido secretamente qualquer tipo de reza em casa, pois essa era a tradição trazida. Benziavam-se também os animais, as terras e as plantações, principalmente os cafezais, que representavam sua maior fonte de renda<sup>168</sup>.

O pastor Reinsberg também relata que conhecia muitos dos costumes que os descendentes dos pomeranos mantiveram quando ocorre o falecimento de uma pessoa na comunidade, mas que estes costumes pomeranos aos poucos vão se enfraquecendo e deixando de lado à medida que a cultura vai sendo assimilada pela cultura brasileira, pelo desenvolvimento local e a melhoria no acesso à educação. Em resumo, à medida que o isolamento geográfico vai se enfraquecendo devido às melhorias de infraestrutura e comunicação, vai se enfraquecendo também a cultura originária destas pessoas, que vai dando lugar à cultura brasileira.

Depois da passagem pelas localidades de Laranja da Terra, Santa Maria do Jetibá e Jequitibá, Santa Leopoldina, Domingos Martins e Califórnia, no Espírito Santo, Granzow viaja para o Sul, mais especificamente Pomerode, em Santa Catarina, e São Leopoldo e São Lourenço do Sul, no Rio Grande do Sul. O que se pode concluir com base nos relatos de Granzow sobre sua passagem por estas localidades, é que quanto mais isoladas geograficamente e de outras culturas, mais fiéis se mantinham os costumes pomeranos. Em todas estas localidades ainda se falava o dialeto pomerano, mesmo entre as crianças, mas era somente entre os mais velhos que se notava a manutenção de velhos costumes pomeranos. Outra característica que pôde ser notada tanto nas localidades no Espírito Santo, quanto em São Lourenço do Sul, é que existia uma grande resistência frente ao novo, pois a história deste povo os ensinou a serem cautelosos e “desconfiados” para aceitarem novos paradigmas.

---

<sup>167</sup> Granzow, *Ibidem*, 2009. pp. 19-21.

<sup>168</sup> Granzow, *Ibidem*, 2009. pp. 35-36.

Passaram-se 43 anos desde a publicação do livro de Klaus Granzow, certamente as realidades encontradas nos lugares que ele visitou no passado, encontram-se bastante diferentes atualmente, principalmente devido à melhoria aos acessos à educação e saúde, e também à modernização das práticas agrícolas e a modernização dos meios de comunicação que lhes permitem conectar-se com outras pessoas e outras realidades. O estudo mais recente que possuo em mãos a respeito da manutenção dos costumes pomeranos entre os seus descendentes, é a tese de doutorado de Joana Bahia, intitulada “*O Tiro da Bruxa: Identidade, Magia e Religião Entre Camponeses Pomeranos do Estado do Espírito Santo*”, publicada no ano de 2000, e se refere aos pomeranos do Espírito Santo. Para localizar a permanência e manutenção destes costumes nos dias atuais, novos estudos são necessários. É preciso dedicação e comprometimento para localizar os descendentes de pomeranos espalhados pelos principais núcleos que receberam imigração pomerana, e verificar com bastante cuidado e paciência os vestígios deixados por esta cultura tão rica e diversa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho podemos compreender, antes de mais nada, quem foram os pomeranos de outrora. Responder esta pergunta não é tarefa fácil e a primeira barreira com a que nos deparamos, logo acaba sendo a escassez de fontes e material bibliográfico a respeito da história deste povo. Logo que me interessei pelo tema, vi na minha experiência de intercâmbio para a cidade de Greifswald, na atual Alemanha, a oportunidade de pesquisar fontes nesta importante cidade que um dia havia sido parte da Pomerânia. Ao visitar o “*Pommersches Landesmuseum*”<sup>169</sup>, e fazer contato com os responsáveis por seu funcionamento, me veio a primeira frustração, pois o material sob o domínio do museu em relação à Pomerânia era bastante escasso, além disso, recebi a informação que muitos outros antes de mim tentaram pesquisar o tema, mas diante da dificuldade de encontrar fontes e material bibliográfico, desistiram.

Confesso que a falta de material me frustrava um pouco, mas não o suficiente a ponto de me fazer desistir, pois o meu desejo desde o começo, era apresentar a trajetória do povo pomerano para pessoas que, assim como eu, sequer sabiam de sua existência há um tempo atrás. Espero que meu trabalho possibilite a quem o leia, viajar no tempo, enxergar as origens deste povo que habitou as terras ao sul do Mar Báltico, e que durante séculos conviveu entre guerras sendo travadas em seu território principalmente por poloneses, noruegueses, dinamarqueses, suecos e alemães que desejavam possuir a privilegiada localização a qual os pomeranos dispunham.

O processo de cristianização sofrido por este povo pode ser interpretado como um sinal de cansaço diante da incessante luta pelo direito à terra. Tudo o que desejavam eram dias mais calmos, onde pudessem seguir suas vidas sem preocupar-se com a incessante ocupação e destruição de suas terras que vinha sempre acompanhada da morte de amigos e familiares. Os pomeranos abriram suas fronteiras para os alemães e a sua cultura para a cristianização. O resultado disto é o povo pomerano que conhecemos, que apesar de ter adotado o baixo alemão como língua oficial, o incrementou com elementos wende. O mesmo ocorre com o processo de cristianização, que não acontece sem resistência, e depois de terminado, dá lugar a uma cultura de forte tradição religiosa aliada de rezas, bênçãos, fórmulas mágicas e crenças herdadas dos wendes.

---

<sup>169</sup> Museu Pomerano, localizado na cidade de Greifswald.

O cenário econômico e social que marcou a Europa e também a Pomerânia no século XIX, caracterizou-se pela superpopulação, a escassez de terras e o excesso de mão de obra nas cidades gerado pela industrialização, onde a máquina passou a definir o preço do produto e o salário do trabalhador. O cenário não era favorável nem no campo nem nas cidades. Ao mesmo tempo, o Brasil passava pelo lento processo de abolição da escravidão, e preocupações com substituir a mão de obra escrava pela mão de obra livre branca começava a ser pauta. Juntava-se a isto, a preocupação com ocupar regiões sem a presença de europeus e “branquear” a população.

Pudemos perceber também, que na maioria dos casos, quem optava por deixar sua pátria o fazia por não enxergar mais perspectivas de melhoras para si ou para sua família. Optavam pelo Brasil devido às vantagens que lhes eram oferecidas e as promessas que lhes eram feitas, principalmente através de agentes de imigração.

O processo de deixar suas residências, dirigir-se até as cidades portuárias, passar semanas a bordo de navios sob condições precárias, o encontro com o “Novo Mundo”, a derrubada de matas virgens para construir uma nova residência e cultivar o tão sonhado pedaço de terra, são etapas representadas por muitas dificuldades e que se mantêm vivas nas memórias de descendentes dos imigrantes que sobreviveram a tudo isto. Fazem parte destas memórias também os ritos, as crenças e os costumes, que são marca deste povo e o diferencia dos demais grupos de imigrantes alemães que vieram para o Brasil.

Finalizo meu trabalho com sentimento de dever cumprido e com o desejo de conhecer mais sobre a fascinante história deste povo que se caracteriza pela sua luta e sua fé.

## BIBLIOGRAFIA

- BAHIA, Joana D. V. **Canaã, a Terra Prometida**. In: Delma Pessanha. (Org.). A História Social do Campesinato Brasileiro. 1ed. São Paulo, Brasília: UNESO, NEAD, 2009. Pp. 109-125.
- BAHIA, Joana D. V. **O Tiro da Bruxa: Identidade, Magia e Religião Entre Camponeses Pomeranos do Estado do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. 372 p.
- BORK, Luciana: **Aspectos histórico-culturais da emigração pomerana**. Anais Eletrônicos do II Congresso Internacional de História Regional, 2013. 8 p.
- DAMITZ, Eng. Hans. **O grupo étnico alemão dos pomeranos**. Porto Alegre, 1997.
- DREHER, Martin N. **Igreja e Germanidade; estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- FIORI, Neide Almeida. **A Política Imigratória Brasileira, Mecanismos de Recrutamento, Reações da Sociedade Brasileira Ante os Colonos Alemães, em Geral, Especificamente os Pomeranos**. (s.d.)
- FIORI, Neide Almeida. **Os pomeranos em Santa Catarina**. (s.d.) 18 p.
- GRANZOW, Klaus. **Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul: Colonos Alemães no Brasil**. 1859. Coleção Canaã - Volume 10. Vitória (ES). Edição Comemorativa dos 150 anos da Imigração Pomerana no Espírito Santo. 226 p.
- HAMMES, Edilberto Luiz. **São Lourenço do Sul: radiografia de um município – das origens ao ano 2000**. São Leopoldo: Studio Zeus, 2010. v.1
- HOBBSAWM, Eric. “**A História de baixo para cima**” (In: Sobre História). São Paulo: Cia. Das Letras, 1998. Pg. 216 – 231.
- KLUG, João. **Projeto: Pomeranos no Brasil**. (s.d. e s.p.) (arquivo pessoal)
- MALTZAHN, Paulo César. **A construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul (Década de 1980 até os dias atuais)**. Florianópolis: UFSC, 2011. 335 p.
- JOCHEM, Toni Vidal (Org.). **São Pedro de Alcântara 1829-1999: aspectos de sua história**. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999. 352 p.

JOCHEM, Toni Vidal. **Pouso dos imigrantes**. Florianópolis: Papa-livro, 1992. 276 p.

JOCHEM, Toni Vidal. **A formação da colônia alemã Teresópolis e a atuação da Igreja Católica (1860 – 1910)**. Florianópolis, 2002.

RÖLKE, Helmar Reinhard. **Descobrimos raízes: aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia**. Vitória: Ed. da UFES, 1996. 106 p.

RÖLKE, Helmar Reinhard. **Raízes da imigração alemã: História e cultura alemã no estado do Espírito Santo**. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. 621 p.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração, colonização e identidade étnica**. Museu Nacional, UFRJ. Revista de Antropologia, (29), 1986.

STUTZER, Therese. **Marie Luise**. Organização, tradução e introdução: Valburga Huber. Blumenau: Cultura em Movimento, 2010. 104p. II.

WILLEMS, Emílio. **A Aculturação dos Alemães no Brasil. Estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

ZIMMER, Roseli. **Pomerode, a cidade mais alemã do Brasil. As manifestações de germanidade de uma festa teuto-brasileira**. UFSC, 1997.134p.

ALVES, Débora Bendocchi. **Cartas de imigrantes como fonte para o historiador: Rio de Janeiro Turíngia (1852-1853)**. Rev. Bras. Hist. 2003, vol.23, n.45, pp.155-184. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882003000100007&script=sci\\_abstract](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882003000100007&script=sci_abstract)> Acesso em: Maio de 2018.

BARROS, José D'Assunção. **A História Social: seus significados e seus caminhos**. LPH - Revista de História da UFOP, 2005. <Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/46494234/Historia-Social-UFOP-2005>> Acesso em: Maio de 2016.

CARVALHO, João D. A. C. L.. **O tráfico de escravos, a pressão inglesa e a lei de 1831**. UFJF, 2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/heera/files/2009/11/Artigo-Jo%C3%A3o-Daniel-Carvalho1.pdf>> Acesso em: Outubro de 2017.

FOERTE, Irineu. **O povo tradicional Pomerano: um diálogo sobre interculturalidade.** EdUECE. Disponível em:

<<http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro3/401%20POVO%20TRADICIONAL%20POMERANO%20UM%20DI%20C3%81LOGO%20SOBRE%20INTERCULTURALIDADE.pdf>>

Acesso em: Março de 2018.

GREGORY, Valdir. **Imigração alemã no Brasil.** In: Cadernos Adenauer XIV. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.kas.de/wf/doc/10985-1442-5-30.pdf>> Acesso em: Outubro de 2017

KELLENBENZ, Hermann; SCHNEIDER, Jürgen. **A imagem do Brasil na Alemanha do século XIX: impressões e estereótipos: da independência ao fim da monarquia.** Estudos Latinoamericanos 6, p. II (1980), pp. 71-101 Disponível em: <[http://www.ikl.org.pl/Estudios/EL06-2/EL06-2\\_08\\_kellen.pdf](http://www.ikl.org.pl/Estudios/EL06-2/EL06-2_08_kellen.pdf)> Acesso em: Outubro de 2017.

MARTINUZZO, José Antônio. **Germânicos nas terras do Espírito Santo.** Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo, 2009. 260 p. Disponível em: <[http://www.institutosincades.org/painel/arquivos/downloads/122122260911livro\\_germanicos.pdf](http://www.institutosincades.org/painel/arquivos/downloads/122122260911livro_germanicos.pdf)> Acesso em: Maio de 2018.

ROCHA E TRINDADE, Maria Beatriz da. **Sociologia das Migrações.** Lisboa: Universidade Aberta, 1995. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/abordagens-teoricas-sobre-migracoes/47805/#ixzz32rNSQf4c>> Acesso em: Setembro de 2017

SEYFERTH, Giralda. **A dimensão cultural da imigração.** Revista Brasileira de Ciências. Vol. 26, N°77. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v26n77/07.pdf>> Acesso em: Agosto de 2017.

LISBOA, Karen Macknow. **Insalubridade, doenças e imigração: visões alemãs sobre o Brasil.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, n.1, jan.-mar. 2013, p.119-139. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v20n1/07.pdf>> Acesso em: Outubro de 2017

WEBER, Regina. **Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações.** UFRGS. Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/148537/000644090.pdf?sequence=1>>

Acesso em: Maio de 2018.